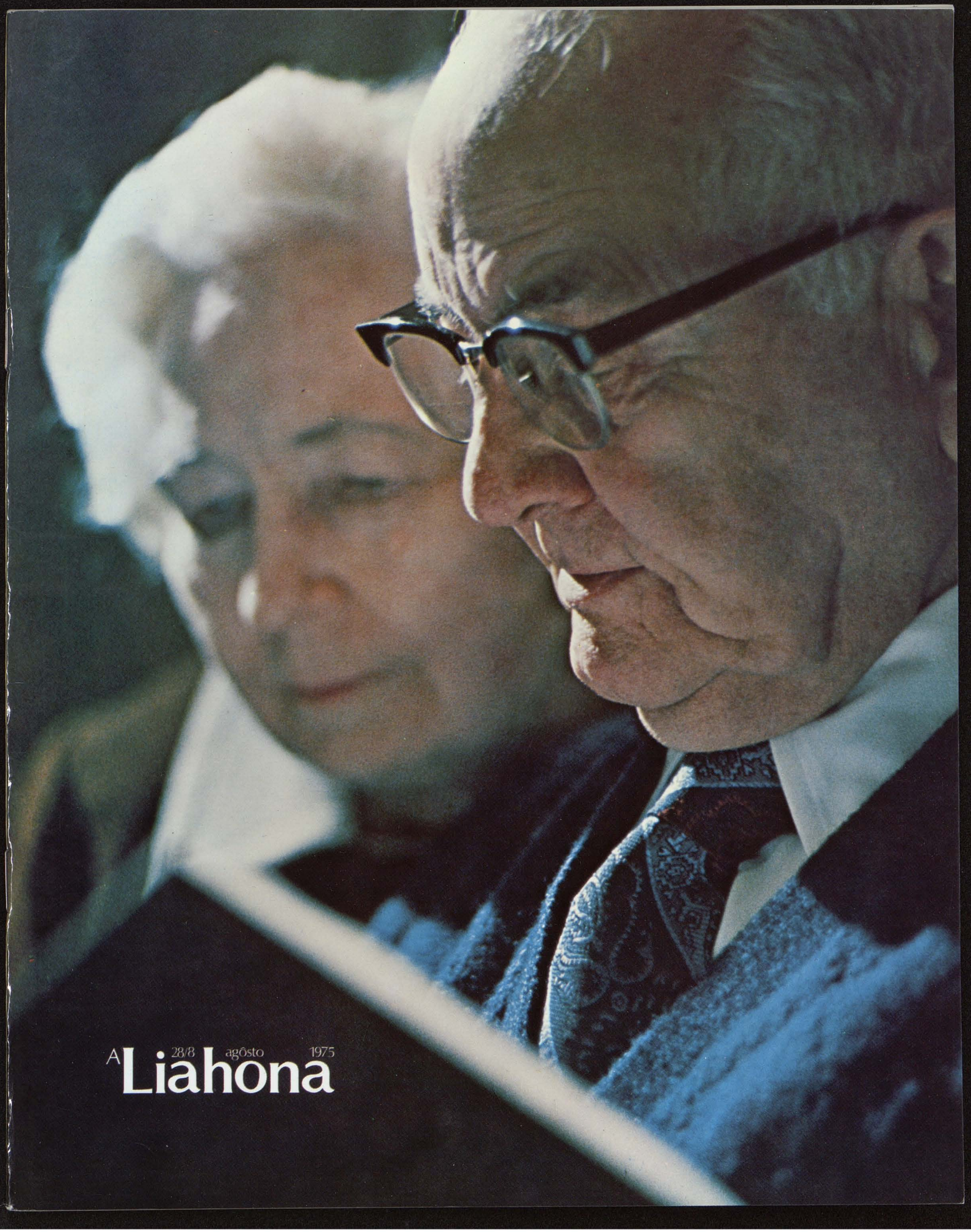


A Liahona 28/8 agôsto 1975



MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO

A Voz do Pastor

Há séculos, na Terra Santa, era costume os pastores trazerem seus rebanhos para a aldeia à noite, como medida de segurança, recolhendo-os a um curral ou comum aprisco. Pela manhã, quando vinha buscar suas ovelhas, o pastor chamava-as, e elas empinavam a cabeça para escutar. Quando se convenciam de que o chamado era do **seu** pastor, elas iam ao encontro da voz familiar em que confiavam. Nenhuma ovelha dos outros rebanhos se mexia, mas os animais daquele pastor iam abrindo caminho entre os outros, até estarem reunidos todos junto dele. Então o pastor os conduzia às pastagens nas colinas. Isto nos ajuda a entender a passagem em João 10:16, que diz: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz e haverá um rebanho e um Pastor."

Paul L. Harmon,
Ala Monument Park VIII.
Estaca Salt Lake Foothill.



GM
M205.5T
L694P
1975

28/8 agôsto 1975

A Liahona

2 A VOZ DO PASTOR, Paul L. Harmon
4 EXISTE PROPÓSITO NA VIDA, Presidente Spencer W. Kimball
9 PERSEGUIÇÃO, 1924, Thomas J. Griffiths
11 PERGUNTA & RESPOSTA, Victor L. Ludlow, Alma P. Burton, Keith H. Mesevy
14 EM DEFESA DA FÉ, Élder Theodore M. Burton
16 IRMÃOS NA ESTRADA E FORA DELA: Um tipo diferente de música, Colleen Henrichsen
19 DIÁRIO MÓRMON — "Foi Duro Ser Diferente", Helena Hannonen; "A Coragem de Meu Avô", Asmund H. Hernes
21 OS MANDAMENTOS DO SENHOR NOS ABENÇOAM, Presidente Hartman Rector Jr.
23 O DIA SANTIFICADO, Élder Sterling W. Sill
24 DE UM AMIGO PARA OUTRO: Sê Honesto, O. Leslie Stone
26 A ÁRVORE DA FELICIDADE, Eva Gregory de Pimienta
29 SÓ PARA DIVERTIR
30 QUANDO UIVA O LOBO, Wendell J. Ashton
31 O LIVRO DE MÓRMON É A PALAVRA DE DEUS, Presidente Ezra Taft Benson
34 AS RAÍZES DO MORMONISMO, Élder Hartman Rector Jr.
37 CRISTO NA AMÉRICA, Presidente N. Eldon Tanner
40 "POR QUE ME CHAMAIS SENHOR, SENHOR, E NÃO FAZEIS O QUE EU DIGO?", Presidente Spencer W. Kimball
44 PENSAMENTOS PASCAIS, Presidente Marion G. Romney

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Bown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITÊ DE SUPERVISÃO
J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNACIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"
José B. Puerta, Editor Responsável
Aldo Francesconi, Editor Nacional
Francisco J. P. Souza,
Bruno Reback, Fotógrafos

REGISTRO
Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 20,00; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "Internacional Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B. n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, italiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Cacique Ltda., R. Abolição, 201. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, R. Peribebuí n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontânes e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Mensagem da Primeira Presidência *

Existe Propósito na Vida



Presidente Spencer W. Kimball

Ilustrado por Howard Post

A pessoa que sabe, ou tem fé em que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o reino de Deus na terra, terá vontade de sempre ir melhorando o desempenho no seu encargo, seja este na família, numa classe de Abelhinhas, num quorum de diáconos ou conselho de Jovens Adultos ou Interesses Especiais. Porém, quando as pessoas não se importam com Deus ou os homens, então não há treinamento ou técnica que possa ajudá-las.

É servindo que aprendemos a servir. Quando engajados no serviço ao próximo, estamos não só fazendo algo por ele, mas colocando nossos próprios problemas numa nova perspectiva. Quando nos preocupamos mais com os outros, resta menos tempo para nos preocuparmos conosco mesmos! O milagre do servir encerra a promessa de Jesus de que, "perdendo-nos", nos encontraremos!

E não só nos "encontraremos" em termos de orientação para a vida, mas quanto mais servirmos ao nosso próximo de maneira apropriada, tanto mais substância haverá em nossa alma. Servindo os outros, tornamo-nos indivíduos mais substanciosos — literalmente, torna-se mais fácil nos "encontrarmos", por haver mais para encontrar.

George McDonald ** observou que "é amando e não sendo amado que a gente consegue chegar mais perto da alma do outro". É óbvio que todos nós precisamos ser amados, mas é preciso dar e não sempre receber, se quisermos ter plenitude na vida e um sólido senso de propósito.

A solução, às vezes, não é mudar nossa condição, mas modificar nossa atitude a respeito dela; os obstáculos são muitas vezes oportunidades para servir. Costuma-se dizer que o inferno "é estar congelado em autocomiseração".

Disse uma de nossas autoridades gerais:

"Se não tomarmos cuidado, há o perigo de sermos enregelados pela frustração de nos deixarmos congelar pelo frio das expectativas malogradas. Para evitar que isto aconteça, temos que — exatamente como faríamos no frio ártico — continuar em movimento, continuar servindo e continuar esforçando-nos, a fim de que nossa imobilidade não se torne o perigo maior."

Temos que ajudar aqueles a quem procuramos servir, saber por si mesmos que não apenas são amados por Deus, mas que este se importa com eles e sabe de suas necessidades. Na verdade, quando Deus, nosso Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, se mostraram ao garoto em idade de Sacerdócio Aarônico, Joseph Smith, a fim de dar-lhe instruções destinadas à humanidade inteira, não foi uma simples aparição casual a uma pessoa deste planeta. Segundo diz o Senhor, essa aparição precisamente planejada deu-se porque "eu, o Senhor, conhecendo a calamidade que haveria de vir sobre os habitantes da terra, chamei meu servo Joseph

Smith, lhe falei dos céus e dei-lhe mandamentos." (D&C 1:17)

Deus não faz nada a esmo, mas sempre com algum propósito, como pai amoroso. Nós conhecemos seu propósito, pois temo-lo também em nossa vida.

Certamente um Pai Celeste tão amoroso, que deu mandamentos para prevenir a miséria humana, não se esquecerá das necessidades de cada um de seus filhos. Diz William Law:

"Consta que cada fio de nosso cabelo é contado (Lucas 12:7); não seria isto para nos ensinar que nada, por mínimo que seja, nos acontece por acaso? Mas, se a menor coisa imaginável está expressamente sob a direção divina, será preciso ou possível ensinar-nos mais claramente que as maiores coisas da vida, tais como a maneira pela qual vimos ao mundo, nossos pais, o tempo e outras particularidades de nosso nascimento e condição, estão todas de acordo com os eternos propósitos, direção e desígnios da Divina Providência?"

Deus sabe de nós e vela por nós. Todavia, é geralmente por intermédio de outra pessoa que ele satisfaz nossas necessidades. Por isso, é vital que nos sirvamos um ao outro neste reino. O povo da Igreja necessita, reciprocamente, da força, apoio e liderança numa comunidade de crentes como um conclave de discípulos. Em Doutrina e Convênios, lemos a respeito da importância de se socorrer os fracos, erguer as mãos que pendem e fortalecer os joelhos enfraquecidos." (Vide D&C 81:5) Freqüentemente, nosso ato de servir consiste de um simples incentivo ou colaboração em tarefas mundanas — porém, que gloriosas conseqüências podem promanar de atos mundanos e de pequenos feitos, porém deliberados.

Ao se aguçarem os contrastes entre os caminhos do mundo e os caminhos de Deus pelas circunstâncias temporais, a fé possuída pelos membros da Igreja será cada vez mais duramente provada. Uma das coisas mais vitais que poderemos fazer é demonstrar nossos testemunhos através do serviço ao próximo, o qual, por sua vez, produzirá progresso espiritual, maior comprometimento e maior capacidade de guardar os mandamentos.

Há quase vinte e cinco anos, o Presidente Stephen L. Richards disse algo bastante desafiador:

"A despeito dos aspectos prosaicos e batidos da questão, há muito me convenci, meus irmãos, de que a coisa mais desafiante, dramática e vital em nossa vida é 'guardar os mandamentos'. Isto põe à prova cada fibra de nosso ser. É uma demonstração simultânea de nossa inteligência, nosso conhecimento, nosso caráter e nossa sabedoria."

Existe uma grande segurança na espiritualidade, e não podemos ter espiritualidade sem servir!

Contudo, muitas vezes o encorajamento de que precisamos para guardar os mandamentos e servir o próximo, é uma simples sacudidela do Espírito em nossa memória a respeito das coisas que já sabemos, em lugar de receber nova inspiração e revelações. Diz-se que a "memória é o estômago da alma", no sentido de que é ela quem recebe e digere a verdade e nos nutre. O Espírito Santo ativa nossa memória tanto quanto nosso entendimento. Assim, pois, devemos fazer o que já sabemos ser certo — as coisas simples, as coisas direitas, as coisas específicas. Esta é uma das razões pelas quais nós, santos dos últimos dias, devemos viver de maneira digna, a fim de podermos contar com a influência e a companhia constante do Espírito Santo para nos guiar e dirigir. Sua orientação é imensamente mais importante que as técnicas de aprendizagem, por mais proveitosas que estas possam ser.

Se quisermos ser bons líderes, então devemos refletir periodicamente sobre as qualidades daqueles que nos serviram, guiaram e ensinaram. Se devessem escolher apenas duas ou três pessoas que maior influência tiveram em suas vidas, o que elas fizeram, especificamente, de tão útil em momentos críticos ou importantes de sua vida? Refletindo alguns instantes, chegarão a concluir que essas pessoas realmente se importavam com vocês, que tiveram tempo para vocês, que lhes ensinaram algo que precisavam saber. Reflitam agora sobre sua atuação, assim como farei sobre a minha, se atualmente incorporamos ou não em nosso próprio ministério estes mesmos atributos fundamentais. Avivando nossa memória, é pouco provável que alguém seja lembrado particularmente por causa da aplicação de alguma técnica. Geralmente fomos servidos e ajudados por alguém que nos deu amor e compreensão, gastou de seu tempo para auxiliar-nos, e nos indicou o caminho pela luz do seu próprio exemplo. Por isso, não posso dar ênfase demais à importância de fazermos essas mesmas coisas por aqueles que agora dependem de nós, exatamente como no passado nós dependemos de outros.

Se nos ativermos a simples princípios e simples atos de serviço, logo perceberemos que as linhas organizacionais perdem parte de sua importância. No passado, freqüentemente as linhas organizacionais na Igreja se transformavam em paredes, impedindo-nos de alcançar os indivíduos como deveríamos. Preocupando-nos menos em conseguir crédito pessoal ou para a organização, veremos que passamos a nos importar mais em servir aquele que está a nosso cargo. Igual-

mente descobriremos que estamos menos interessados em nossa identidade organizacional e mais preocupados com nossa verdadeira e suprema identidade como filho ou filha do Pai nos céus, e em ajudar outros a alcançarem o mesmo senso de identificação.

Nesse aspecto, jamais devemos perder de vista Jesus Cristo como nosso grande exemplo. Aos seus discípulos nefitas, dizia ele:

"Portanto, levantai vossa luz para que brilhe perante o mundo. Eis que eu sou a luz que levantareis: aquilo que me vistes fazer." (3 Néfi 18:24.)

Nessa mesma instrução, Jesus mostra como procurava atrair os homens e como permitiu à multidão de nefitas "ver e sentir" seu corpo ressurreto. Em sentido bem menos sagrado, porém ainda assim significativo e direto, o líder dedicado poderá permitir que aqueles a quem serve "vejam e sintam" o poder e autenticidade do Evangelho de Jesus Cristo.

Interessante é notar que, sendo Jesus a luz que pretendemos levantar, quão numerosos são os seus lembretes colocados oportunamente diante de nós — o nome da Igreja, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; as bênçãos do sacramento; a oração batismal; o costume de orarmos "em nome de Jesus Cristo". Sendo tão sagrado, devemos ser prudentes e cuidadosos quanto à maneira de usarmos seu nome e de nos referirmos a ele; porém, deveríamos sempre mostrar nosso irmão maior como o sublime exemplo, pois esta é a Igreja dele, leva seu nome e é também edificada sobre o seu Evangelho.

Por isso, saídos de um mundo egocêntrico, estamos aqui reunidos para falar de serviço. Alguns observadores talvez estranhem que nos preocupemos com coisas tão simples num mundo assolado por problemas tão dramáticos. Todavia, uma das vantagens do Evangelho de Jesus Cristo é que ele nos fornece a verdadeira perspectiva da população deste planeta, inclusive de nós, permitindo-nos ver as coisas que realmente importam e evitar sermos enredados pela multiplicidade de causas menores que reclamam atenção do mundo.

Aprendemos que a sociedade dos últimos dias apresentaria alguns dos sintomas sociais existentes nos tempos de Noé. Dispomos de raríssimos adjetivos para descrever os contemporâneos de Noé; contudo, seus semelhantes eram aparentemente muito desobedientes aos mandamentos de Deus, e a terra estava "corrompida", e significativamente, a sociedade da época se mostrava cheia de "violência". (Gên. 6:11) Violência e corrupção geralmente são decorrentes do egoísmo. Numa época assim, é extremamente adequado que nos concentremos no serviço a nossos semelhantes!

Hoje em dia, os que guardam os mandamentos serão apartados do mundo, tão certo quanto o foi Noé por sua aparentemente estranha empresa de construir uma arca antes de haver inundação. Ao procurarmos servir, fazendo coisas simples, coisas mundanas, e nos esforçarmos em guardar os mandamentos de Deus hoje em dia, sem dúvida iremos enfrentar um pouco do mesmo ridículo sofrido por Noé e seus oito familiares — antes de começar a chover sem parar.

Os contemporâneos de Noé simplesmente não conseguiam compreender a urgência da sua tarefa. Nós tampouco devemos esperar que muita gente entenda nosso senso de urgência a respeito de coisas simples como família, castidade e trabalho missionário!

Existem na Igreja numerosos moços que relutam em casar-se. Os anos vão passando. Muitos deles estão simplesmente procrastinando. Outros acham mais fácil viver sozinhos, sem maiores responsabilidades. Outros ainda oram por um casamento satisfatório, mas pouco fazem da sua parte. Depois, há um número crescente de homens, especialmente no "mundo", que não pretendem casar-se, que afirmam poder conseguir todas as satisfações da vida sem o casamento, e que a vida de solteiro é muito mais fácil e apresenta muito menos responsabilidades.

Agora, eu gostaria de dizer a todos os irmãos: O casamento é honroso aos olhos de Deus. Não fomos postos aqui na terra unicamente para nos divertir, satisfazer nossa ânsia de riquezas e posição social ou contentar nossas paixões numa vida egocêntrica.

Diz o Senhor, nosso Criador:

"Na glória celestial há três céus ou graus;

"E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do Sacerdócio (significando o novo e eterno convênio do casamento);

"E, se não, não poderá obtê-lo.

"Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não poderá ter progênie." (D&C 131:1-4)

"... se não obedeceres a ele (o novo e eterno convênio), então serás condenado; pois a ninguém é permitido rejeitar este convênio e entrar na minha glória." (D&C 132:4)

Parece-nos que nenhuma escusa ou racionalização poderá anular estas verdades.

O casamento é seguido de família; e novamente o Senhor deixa bem claro:

A esposa é dada ao homem "... para multiplicar e encher a terra... para que dê à luz as almas dos homens... para que (o Pai) seja glorificado". (D&C 132:63)

Portanto, que nenhum homem solteiro se escuse com racionalizações.

Há muitas moças dignas, atraentes, instruídas, bem cuidadas e que parecem desejáveis. A elas, dizemos: Não podemos fornecer-lhes maridos como gostariam. Se tiveram menos oportunidades de casar-se, talvez necessitem de uma cuidadosa auto-avaliação. Façam um balanço cuidadoso de seus hábitos, sua maneira de falar, sua aparência, seu peso e suas excentricidades, se as tiverem. Analisem ponto por ponto. Será que conseguiriam fazer alguns sacrifícios para se tornarem aceitáveis? Quem deve julgar são vocês.

Acaso são tagarelas demais? Retraídas demais? Caladas demais? Se for o caso, então eduquem seus pensamentos e suas expressões.

Estão no lugar errado? Haveria a possibilidade de se mudarem para outra localidade que lhes abrisse um mundo novo?

Suas roupas estariam muito fora de moda, ou são muito reveladoras ou avançadas demais? Serão por demais exigentes? Possuem alguma excentricidade no falar, na entonação ou assuntos? Acaso riem alto demais? São excessivamente demonstrativas? Ou exageradas? São egoístas? São honrada sob todos os aspectos? Gostariam de ter filhos? Teriam prazer em preparar diariamente o desjejum, almoço e jantar para seu marido? Manteriam convivência freqüente com suas antigas amizades em prejuízo da atenção devida ao seu marido?

William James* declarou que a maior revolução na sua época foi a descoberta de que os seres humanos podem modificar os aspectos externos da vida, mudando sua atitude mental interior.

Conta-se a história do príncipe corcunda que conseguiu corrigir seu defeito físico, postando-se todos os dias diante de uma estátua sua de corpo perfeito.

A mudança se dá substituindo hábitos indesejáveis por bons hábitos. Podemos moldar nosso caráter e futuro por meio de bons pensamentos e atos. A autopiedade é destrutiva. Vocês têm pena de si mesmas?

O que fazer?

Vocês cuidaram da sua aparência física — bem cuidadas, bem vestidas — e da sua atração intelectual — cativantes, interessantes? Gostam de ler? Se não, então tratem de mudar.

Minhas queridas, a Igreja se dá conta dessas situações, e mesmo se tivesse uma vara de condão para com ela desfazer seus problemas e satisfazer a seus desejos, isto não seria bom para vocês, pois o esforço próprio é que traz crescimento.

Lembro-me de uma irmã conhecida que se casou com um élder em perspectiva, e foram levando a vida. Depois, ela começou a reparar em algumas amigas cujos maridos sempre as acompanhavam à Igreja, que cantavam juntos no coro, iam ao templo juntos e pareciam felizes e satisfeitos com a vida. Então pôs-se a reclamar com o marido: — Por que não me trata como os outros homens fazem com suas mulheres? Por que não é mais ativo na Igreja?

Acontece que pertenciam a uma ala particularmente ativa, uma ala onde o programa de integração era quase obsediante. Como não podia deixar de ser, chegou a hora em que aquele membro inativo se sentiu tocado e passou a ter muita alegria em sua atividade na Igreja e família. A esposa que se sentira tão infeliz por causa do desinteresse dele, agora era infeliz por ser tão dedicado, e o censurava: — Por que você só pensa o tempo todo no trabalho da Igreja? Por que não é como os outros maridos e me permite um pouco de alegria e divertimento?

Seu constante resmungar acabou por desanimá-lo e ele voltou novamente à condição de inativo.

Repetimos: Continuem a tornar-se atraentes física, intelectual, espiritual e emocionalmente, e procurem estar nos lugares em que possam ser vistas pelas pessoas certas e que desejam cativar.

Vocês estão no lugar certo ou quem sabe se "estacionaram"? Certa moça estava chegando aos vinte e cinco anos sem ter tido oportunidade de casar-se. Aconselhei-a que se mudasse da casa em que vivia com algumas moças mais velhas, deixasse o emprego de estenógrafa e voltasse à faculdade onde conviveria com gente da sua idade. Tempos depois, estando casualmente naquele **campus**, ela foi procurar-me, borbulhante de animação qual brisa de primavera, os cabelos atados com uma fita colorida e mostrando uma atitude alegre e otimista. Poucos meses depois, fui convidado para um casamento no templo. Talvez nem sempre funcione tão bem, mas funcionou nesse caso.

Enquanto esperamos que chegue o dia propício e ideal, existem muitas coisas que podemos fazer para alegrar a vida alheia e que reverterão em nosso próprio benefício.

---

* Adaptação de um discurso proferido pelo Presidente Kimball, na sessão inaugural da Conferência de junho de 1974.

** Escritor e poeta escocês (1824-1905).

* Filósofo americano (1842-1910).



PERSEGUIÇÃO, 1924

Uma família galesa caminha dezesseis quilômetros por sobre montanhas para freqüentar a Igreja.

Thomas J. Griffiths

Era 1924, e vivíamos na aldeia galesa de Abercarn, Monmouthshire, como única família SUD do povoado. O ramo era totalmente organizado, embora fosse composto unicamente por nossa família. As reuniões eram realizadas fielmente — a Escola Dominical nas manhãs de domingo, e à noite a reunião sacramental. Nas terças-feiras à noite, realizávamos a AMM. Nossa família cantava e orava em conjunto e havia um grande amor entre nós. Mas esse amor e união de propósito instigaram a ira de Satanás e ele resolveu interferir.

Não demorou, viemos a saber o que significa perseguição. Éramos ridicularizados, e muitas vezes me arrancavam o boné da cabeça para ver se eu tinha chifres. Porém, não havia nada que não pudéssemos suportar. Então, um dia, uma jovem da aldeia começou a investigar o Evangelho. Seu pai era figura preeminente numa das igrejas do povoado, e quando descobriu que ela vinha freqüentando nossas reuniões, irritou-se profundamente e começou a difamar nossa família e a Igreja. Logo seu clamor encontrou eco entre o povo, e a família Griffiths se viu submetida a implacável perseguição.

Um médico da localidade chegou a publicar um artigo no jornal, afirmando que trinta moças do País de Gales haviam sido raptadas e viviam prisioneiras na cidade murada do Lago Salgado. Apareceram outros artigos atacando os mórmons. Um deles chegava a recomendar que nossa família fosse expulsa do povoado.

Naquele tempo, morávamos numa casa de propriedade municipal, e um dia recebemos um ultimato da câmara de vereadores — se não deixássemos de realizar serviços religiosos em nossa casa, seríamos despejados. Papai recorreu às autoridades da Igreja e foi aconselhado a seguir a décima segunda Regra de Fé que declara, em parte: "Cremos na... obediência, honra e manutenção da lei."

Assim, pois, foram suspensas nossas tão inspiradoras reuniões. O ramo mais próximo ficava numa cidadezinha chamada Varteg, a uns dezesseis quilômetros, do outro lado das montanhas. Certa noite, depois de havermos recebido o ultimato, papai reuniu a família e apresentou a sugestão de caminharmos até Varteg aos domingos para assistir às reuniões e participar do sacramento. Posta em votação, a proposta foi aceita unanimemente, até mesmo por Ivor, que tinha então apenas oito anos. Assim começou uma das maiores aventuras de nossa vida.

A gente subia até o topo do Monte Llanvach, depois descia ao Vale Hafodrynys, voltava a subir o Monte Pontypool e a seguir descia até Varteg. Durante a caminhada, costumávamos cantar e recitar Escrituras. Certa vez nos perdemos no forte nevoeiro, e papai, reunindo-nos em círculo, fez uma oração, rogando a Deus que nos conduzisse ao nosso destino. Talvez fosse coincidência, mas creio que foi em resposta à prece de meu pai, que começou a soprar o vento que costuma varrer as montanhas galesas, dissipando a cerração, e assim, pudemos encontrar o caminho.

Quando chovia ficávamos molhados até os ossos. Então os santos de Varteg nos emprestavam roupas secas e dependuravam as nossas em torno do fogo para secar. As roupas nem sempre serviam bem, e nós ríamos um do outro por causa de nossa aparência engraçada. Mas todas as dificuldades e contratempos eram esquecidos pelo espírito reinante naquelas reuniões. Lembro-me ainda perfeitamente da Escritura preferida de papai: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles." (Mat. 18:20) Era isso mesmo. O Espírito do Senhor fazia-se sentir com tal força, que nosso corpo exausto era revigorado e nosso espírito elevado.

As semanas transformaram-se em meses, e a cada domingo repetia-se nossa jornada até Varteg. Então a câmara de vereadores recebeu uma carta datada de 12 de abril de 1924, que foi discutida em plenário. Era um documento inspirado, escrito por um servo inspirado de Deus.

"Sobre minha mesa tenho um recorte do South Wales Argus, informando que recentemente essa ilustre câmara tomou medidas contra um de seus concidadãos, privando-o do direito de realizar serviços religiosos em sua casa. A única razão para essa medida arbitrária foi por tratar-se de um 'mórmon'.

"Pois bem, o termo mórmon, ao contrário de caridade, implica para os maldosos numa porção de peca-

dos, e assim indubitavelmente vossa ação está justificada por completo, em especial para a massa crédula. Porém, terá sido suficiente? Não estais cientes do fato de que o cavalheiro em questão continua oferecendo orações em sua casa? A "sociedade para promulgação de calúnias" ou seja lá qual for o nome da dita organização, não vos informou que o inquilino e seus filhos contra os quais promulgastes uma postura especial, continuam dando graças ao seu Deus todos os dias de manhã e à noite?

"Por que não completar a coisa, exigindo que tais preces deixem de ser pronunciadas numa casa pertencente a uma municipalidade cristã? Se tendes o direito de proibir-lhes que cantem hinos e falem na presença da sua família e de amigos a respeito da graça e bondade de Deus, podeis igualmente ordenar-lhes que parem de orar "por serem mórmons". Por isso, eles têm que ser privados de um dos mais preciosos e tradicionais privilégios.

"Por mais reta que seja sua vida, se o público simplório imagina que existe algo de errado com eles, proibi-os no interesse desse público, de orarem a Deus em sua própria casa. Já que tendes um bom exemplo nos medos e persas que promulgaram o mesmo decreto contra Daniel há dois mil anos, por que não completar vossa louvável legislação, proibindo vosso inquilino de ensinar seus filhos a orar?

"Como outra justificativa para tal medida, não tendes diante de vós o testemunho de um de vossos pares de que 'há dois anos, trinta moças abandonaram uma cidade chamada Machen e como sabeis, sempre que uma garota sai de uma cidade na Grã-Bretanha, os mórmons são responsáveis', exatamente como os cristãos primitivos foram responsabilizados pelo transbordamento do Rio Tibre?

"E, naturalmente, os leitores da imprensa julgam que investigastes cada uma das acusações assacadas contra os mórmons por mentes rancorosas. Se não o fizestes, e isto é evidente para todos os que conhecem o fato de vossa omissão, então vos tornastes um instrumento promulgador de calúnias aleivosas. Julgar tão injustamente um homem ou povo não condiz com uma assembléia de homens inteligentes. Não quero crer que o povo do qual minha mãe descende possa ser tão intolerante,

David. O. McKay."

A câmara municipal decidiu "engavetar" a carta. Entretanto, seu conteúdo transpirou na imprensa local, e puseram a pedra a rolar. Papai foi convidado a falar numa reunião da Legião Feminina Britânica. E, embora tenha sido há tantos anos, a lembrança daquela noite em que ele dirigiu a palavra àquelas mulheres, ainda continua vívida e vibrante em minha mente. Ele lhes contou de sua conversão à Igreja e das perseguições sofridas pela família. Falou-lhes do garoto Joseph Smith e de suas visões e de como deu a vida em selamento do seu testemunho. Depois prestou fervoroso testemunho da divindade de Jesus Cristo.

Lembro-me perfeitamente daquelas senhoras enxugando as lágrimas e quando papai terminou não houve aplausos nem qualquer outra demonstração — apenas silêncio, como que mostrando vergonha do que havia acontecido na sua aldeia.

Quando papai se sentou a presidente apresentou uma moção no sentido de que a associação solicitasse publicamente à municipalidade que fosse permitido à família Griffiths realizar serviços religiosos em sua casa. A moção foi aprovada por voto unânime. Mais ou menos uma semana depois, papai recebeu um ofício da câmara municipal, comunicando-lhe que, após melhor consideração, ela nos permitia voltar a realizar serviços religiosos.

O pai da moça que fora proibida de comparecer às nossas reuniões continuava tentando criar-nos dificuldades, mas então aconteceu uma coisa estranha. Certa noite meu pai se dirigiu à casa dele, e o tal homem chegou à porta. Chamando-o pelo nome, papai disse:

— A menos que pare de perseguir minha família, eu lhe prometo que Deus há de humilhá-lo até que fique de joelhos.

Dentro de poucos meses, aquele homem foi realmente humilhado pelos acontecimentos. Sua filha mais velha fugiu de casa e casou-se com o beberrão da vila. O filho primogênito sofreu grave acidente na mina de carvão. O filho menor contraiu um mal incurável. Então aconteceu a noite memorável em que bateram à nossa porta. Quando papai atendeu, lá estava o nosso perseguidor. De cabeça baixa e voz embargada de emoção, ele pediu:

— Sr. Griffiths, estou aqui para pedir-lhe perdão.

A filha mais moça batizou-se e posteriormente emigrou para Utah, onde conheceu um homem justo, casou-se com ele no templo e formou uma encantadora família. Ela já se foi, mas deixou aos filhos um legado de coragem e convicção encontradas somente na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Quanto à nossa família, nós descobrimos o que Jesus queria dizer com estas palavras: "Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus." (Mat. 5:10) Pois ali, no pequeno chalé do País de Gales, encontramos um pedacinho do céu.

Thomas J. Griffiths, aposentado, é professor na Escola Dominical da Ala American Fork VIII, Estaca Utah-American Fork Norte.

Ilustrado por Sherry Thompson

PERGUNTA

A tradição ou história judaica fornece algum indício quanto à aparência dos peitorais mencionados em Êxodo 28?

RESPOSTA

Victor L. Ludlow:

Como o peitoral do juízo e acompanhante Urim e Tumim eram sagrados, as tradições judaicas mais recentes ressaltam seu papel como instrumentos de juízo e decisão e não descrevem sua forma física. Entretanto, Maimônides, o grande talmudista e filósofo judeu medieval e outras fontes talmúdicas, nos dão uma idéia da possível aparência física do peitoral.

Segundo essas tradições, a parte de maior relevo do peitoral era composta de 12 pedras, cada uma levando o nome de uma das doze tribos de Israel. Todas elas tinham formato quadrangular e eram engastadas em ouro, presas a uma trama tecida artisticamente com 28 cordões. Um cordão de ouro puro era trançado ou enlaçado com seis cordões de azul celeste para torná-lo mais grosso. Um segundo cordão de ouro era trançado com seis cordões de púrpura, outro com seis de carmesim e o quarto com seis cordões de linho puro. Depois, esses quatro cordões mais grossos formavam uma trama de um palmo de largura e dois palmos de comprimento. A trama dobrada formava uma bolsa de um palmo quadrado. À face externa, estavam presas quatro fileiras de engastes de ouro, ficando o Urim e Tumim dentro da bolsa.

Em cada canto, havia um anel ou argola de ouro. As duas argolas superiores eram presas por correntes de ouro a argolas idênticas existentes nas ombreiras do éfode (peça semelhante a uma couraça usada sobre a túnica). As duas argolas inferiores do peitoral eram unidas a argolas de ouro do éfode junto à cintura por cordões azuis.

Quando usava o peitoral e as outras vestimentas sacerdotais, o sumo-sacerdote estava preparado para desempenhar suas funções. O peitoral desempenhava um papel importante que os mórmons associariam geralmente ao Urim e Tumim. Quando o rei, o presidente do sinédrio ou outra pessoa qualificada tinha alguma dúvida especial, procurava o sumo-sacerdote, e este, examinando o peitoral, procurava ver quais das letras brilhavam mais intensamente e com elas então compunha a resposta. Quando Davi, por exemplo, indagou ao Urim e Tumim se Saul continuaria sua perseguição, o sumo-sacerdote Abiatar viu três letras brilhantes: **Y** no nome de Judá, **R** no nome de Rúben e **D** de Dã. Assim, estava dada a resposta: **YERED** — "Ele perseguirá".

Segundo a tradição judaica, o Urim e Tumim deixou de existir na época da destruição do primeiro templo e captura dos judeus.

Séculos mais tarde, quando os judeus estavam dispersos pela Europa, numerosas comunidades judaicas confeccionaram peitorais e colocavam-nos diante do consolo da Tora em suas sinagogas. Tais símbolos, à semelhança do peitoral do sumo-sacerdote, muitas vezes continham reproduções das doze pedras preciosas. Sob o outro aspecto o peitoral e o Urim e Tumim estão perdidos para os judeus.

Victor L. Ludlow, professor-assistente de Escrituras antigas na Universidade Brigham Young.

PERGUNTA

Por que foi necessário que o Profeta Elias fosse levado aos céus? Haverá outras pessoas eminentes que não provaram a morte — e quanto a Moisés, ele foi trasladado ou morreu?

RESPOSTA

Alma P. Burton:

Visto que o Profeta Elias e Moisés haviam sido preordenados para realizar ordenanças terrenas antes da morte e ressurreição de Cristo, tornava-se necessário que retivessem o corpo físico além do tempo natural de vida. Diz o Presidente Joseph Fielding Smith:

"Quando Moisés e Elias apareceram ao Salvador e a Pedro, Tiago e João no Monte da Transfiguração, qual foi o propósito? Teria sido mera manifestação espiritual para fortalecer os três apóstolos? Ou vieram apenas para confortar o Filho de Deus em seu ministério e prepará-lo para a crucificação? Não. Não era este o propósito... O Profeta Joseph Smith explicou-o assim:

" 'O Sacerdócio é eterno. **O Salvador, Moisés e Elias (o profeta) entregaram as chaves a Pedro, Tiago e João, quando se transfiguraram diante deles.**' O Sacerdócio é eterno — sem princípio de dias nem fim de anos; sem pai, mãe etc. Se não há modificação de ordenanças, não há modificação de Sacerdócio. Sempre que são administra-

das as ordenanças do Evangelho, lá está o Sacerdócio... Cristo é o Grande Sumo-Sacerdote; depois dele vem Adão." (Doctrines of Salvation, vol. 2, p. 110).

Como Cristo foi o primeiro ser ressuscitado, todo profeta que tivesse de realizar ordenanças terrenas antes de sua ressurreição, tinha que ser preservado fisicamente. Por isso o Senhor preservou Moisés e Elias, o profeta, na carne, a fim de poderem conferir suas chaves a Pedro, Tiago e João no Monte da Transfiguração.

João, o Amado, e os Três Nefitas foram trasladados e continuam cumprindo suas responsabilidades. Enoque e toda a sua cidade foram trasladados para os céus, a fim de voltarem à terra na segunda vinda de Cristo. Tem havido ainda outros, tal como Alma, que não "provaram a morte".

O Profeta Joseph Smith explicou a doutrina da trasladação, um poder pelo qual os homens conservam seu corpo físico tangível com as seguintes palavras:

"Muitos supõem que a doutrina da trasladação significa que por ela os homens são levados imediatamente à presença de Deus e à plenitude eterna, mas isto é um erro. Seu lugar de habitação é na esfera terrestre e num lugar preparado para os seres que o Senhor reservou para serem anjos ministradores em muitos planetas, e que ainda não atingiram toda a plenitude como os que ressuscitaram dentre os mortos." (**Documentary History of the Church,** vol. 4, p. 210)

Alma P. Burton, professor de História e Doutrina da Igreja, na Universidade Brigham Young.

PERGUNTA

O livro de Êxodo menciona o Urim e Tumim. Qual o lugar deste no tempo de Moisés? Qual a sua origem? Sua história e emprego podem ser traçados no restante do Velho Testamento?

RESPOSTA

Keith H. Meservy:

O Urim e Tumim é mencionado pela primeira vez em Israel, quando foi dado como um direito do Sacerdócio a Aarão, o primeiro sumo-sacerdote do Sacerdócio Levítico. (Êxodo 28:31; Levítico 8:8) Parte do seu ministério era obter o conhecimento pertencente ao Sacerdócio Aarônico, o qual administrava a lei mosaica. (D&C 68:14-21; 84:18-27) Os reis deviam submeter-se ao conselho que ele recebia do Senhor por vários meios, sendo um dos mais importantes o Urim e Tumim. Quando Moisés chamou e designou Josué como seu sucessor, a instrução do Senhor foi que ele (Josué) "se porá perante Eleazar, o sacerdote, **o qual por ele consultará, segundo o juízo do Urim, perante o Senhor;** conforme ao seu dito (de Eleazar) sairão, e conforme ao seu dito entrarão ele (Josué e, implicitamente, seus sucessores) e todos os filhos de Israel com ele, e toda a congregação." (Núm. 27:21. Grifo nosso)

Por isto, se depreende que o Urim e Tumim era o instrumento indicado pelo qual se deviam obter a revelação e decisões divinas.

Através dele, certa vez Saul procurou determinar a culpa de uma ofensa (1 Samuel 14:41; vide os textos grego e hebraico); Davi buscou diretriz divina para saber antecipadamente como se desenvolveria a situação (1 Samuel 23:6-13); nós inferimos que o Urim e Tumim estava no éfode. Saul se queixou de que o Senhor não lhe falava nem lhe revelava sua vontade de modo algum, inclusive o Urim. (1 Samuel 28:6)

Depois disso, nada mais se sabe do Urim e Tumim na história de Israel, até tornar-se óbvio, após o cativeiro da Babilônia, que os judeus não mais o possuíam. Entretanto, é lícito supor que até então reis e pessoas justas usavam o Urim e Tumim para aconselharem-se com o Senhor. É interessante notar que, se os judeus tivessem o Urim e Tumim depois do exílio, poderiam ter solucionado o problema da genealogia. Era uma questão importante para eles, visto que as prerrogativas sacerdotais eram reservadas aos descendentes de Levi ou Aarão. (Esdras 2:62-63)

Não sabemos exatamente quando os judeus deixaram de usar o Urim e Tumim. Entretanto, já no tempo de Ezequiel e Jeremias, o povo rejeitava os profetas, embora o Senhor os advertisse de que chegaria uma época em que não mais desfrutariam a luz da revelação. Isto nos faz especular se não teriam perdido o Urim e Tumim antes pela iniqüidade do que por conquista ou descuido.

(Ver experiência de Joseph Smith em **Documentary History of the Church,** vol. 1. pp. 21-23. Comparar com D&C 3:11; 10:2)

Keith H. Meservy, professor-assistente de Escrituras antigas na Universidade Brigham Young.

PERGUNTA

Por que o Senhor premitiu a Israel guerrear contra os povos na Terra Prometida?

RESPOSTA

Keith H. Meservy:

Para responder a esta pergunta, será preciso examinarmos brevemente as condições pelas quais um povo tem direito de possuir uma terra.

É significativo que, quando o Senhor prometeu a terra de Canaã a Abraão, ele não lhe deu direito de posse imediato, apenas uma promessa futura. Nos dias de Abraão, seus habitantes tinham direito a ela, porém no futuro o perderiam por causa de sua crescente iniqüidade. Então Israel poderia reivindicá-la com justiça. (Gên. 15:16; 1 Néfi 17:32-40; comp. Éter 2:8-9)

É verdade que não dispomos de relatos detalhados a respeito dos povos de Canaã, porém sabemos que nos tempos de Moisés e Josué, os cananeus (ou amorreus) atingiram tamanha iniqüidade, que o Senhor chegou a advertir Israel repetidamente a que não permitisse que sua maneira de viver fosse contaminada pela deles. Entre essas iniqüidades, contavam-se as transgressões sexuais: adultério, incesto, bestialidade e homossexualismo. O Senhor ordenou aos israelitas: "Com nenhuma destas coisas vos contamineis: **porque em todas estas cousas se contaminaram as gentes que eu lanço fora diante da vossa face.** Pelo que a terra está contaminada; e **eu visitarei sobre ela a sua iniqüidade**... Porém, qualquer que fizer alguma destas abominações, as almas que as fizerem serão extirpadas do seu povo." (Levítico 18:24-29. Itálicos acrescentados. Comp. Lev. 20).

Tais indivíduos, tendo demonstrado durante a provação na mortalidade sua tendência para o mal, tornaram-se sujeitos aos julgamentos do Senhor neste mundo. (D&C 76:103-104) Antes de permitir que continuassem a conspurcar a terra com sua iniqüidade e contaminar as gerações futuras com suas perversões, o Senhor os tirou da terra por vários meios — enchentes, incêndios, fome, terremotos etc. E também usou a espada. Os jareditas, nefitas, israelitas, judeus e Labão — todos sentiram na própria vida seu terrível golpe certeiro.

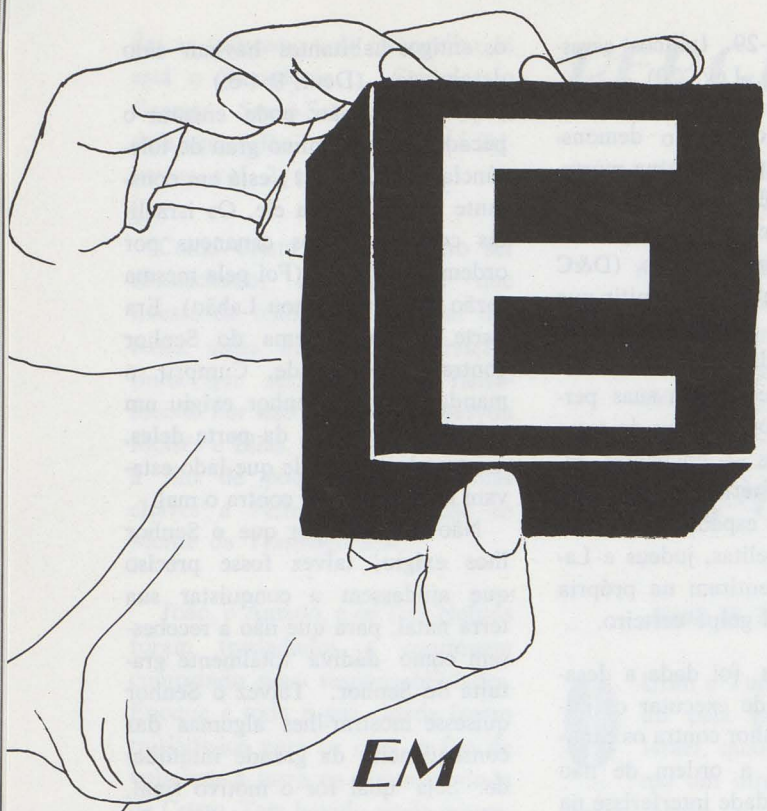
Aos israelitas foi dada a desagradável tarefa de executar os julgamentos do Senhor contra os cananeus, recebendo a ordem de não deixar que a piedade interferisse na destruição ordenada (Deut. 7:1-3); tampouco deviam concluir, depois de derrotar os antigos habitantes, que haviam vencido por serem um povo justo, pois que não haviam atingido tal condição. O Senhor mandou que se lembrassem por que os antigos habitantes haviam sido desalojados. (Deut. 9:4-6.)

O Senhor não pode encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância (D&C 1:31); está em constante guerra contra ele. Os israelitas combateram os cananeus por ordem do Senhor. (Foi pela mesma razão que Néfi matou Labão). Era parte da luta suprema do Senhor contra a iniqüidade. Cumprir o mandamento do Senhor exigiu um ato de obediência da parte deles, mostrando, assim, de que lado estavam na grande luta contra o mal.

Não sabemos por que o Senhor lhos exigiu; talvez fosse preciso que ajudassem a conquistar sua terra natal, para que não a recebessem como dádiva totalmente gratuita do Senhor. Talvez o Senhor quisesse mostrar-lhes algumas das conseqüências da grande iniqüidade. Seja qual for o motivo final, sabemos que os caminhos do Senhor são justos, ainda que atualmente os compreendamos apenas em parte.

Keith H. Meservy, professor-assistente de Escrituras antigas na Universidade Brigham Young.





EM DEFESA DA FÉ

Élder Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Quando eu era bem pequeno, minha mãe ensinou-me o nome das cores. Mostrando um objeto azul, disse-me que aquela era a cor azul. Depois, fez com que eu repetisse a palavra. Passado algum tempo, ela mostrava outro objeto azul e perguntava que cor era aquela.

— Verde? — eu perguntava.

— Não, querido, — respondia pacientemente, — esta cor se chama azul.

— Azul?

— Sim, meu bem. É azul.

Passado mais um pouco de tempo, ela voltava a mostrar-me alguma coisa azul, e perguntava de que cor era.

— Amarelo? — eu indagava.

— Não, amor, não é amarelo — Depois, com mais paciência ainda, voltava a ensinar: — isto é azul.

— Azul, — eu repetia.

Ela me deixou brincar algum tempo e depois pegou outro objeto azul e perguntou-me o nome daquela cor.

— Azul? — eu arrisquei.

— Isto mesmo, meu garotinho esperto! — replicou orgulhosamente, dando-me um forte abraço e beijo. Foi assim que aprendi a distinguir as cores.

Não sei quanto tempo levou minha paciente mãe para conseguir que eu as aprendesse. Eu não era nem mais inteligente nem mais retardado que outros meninos. Mas, acabei distinguindo o azul das outras cores. Agora, quando alguém me mostra um objeto dessa cor, eu posso responder confiante: — É azul. E se alguém quiser saber por que eu acho ser azul, respondo:

— Eu sei que é azul, porque posso vê-lo!

Os outros concordam comigo, pois também podem ver que é azul. Entretanto, o dito objeto é azul, apenas porque convencionamos chamar a tal cor de azul. Em outras palavras, tudo o que afirmamos saber é unicamente porque nos foi ensinado. Nosso conhecimento provém das coisas que nos foram ensinadas, ou que lemos, ou que ouvimos, ou que experimentamos.

Mais tarde, ao entrar para a faculdade, descobri que algumas das coisas em que acreditava e sabia serem verdadeiras, eram consideradas ridículas e imaturas por certos professores. Eles acreditavam em coisas totalmente estranhas aos princípios que me foram ensinadas desde a mais tenra infância. Ridicularizavam minha crença em Deus, tachando-a de simples e tola superstição. Faziam pouco caso do Livro de Mórmon. Riam do conceito de Joseph Smith ser profeta. Recusavam-se a crer que a Bíblia fosse algo além de literatura. Senti-me arrasado.

Para mim, eram homens letrados. Possuíam grau de doutor de grandes universidades. Eram pessoas versadas. Pareciam ter resposta e provas para tudo o que ensinavam. Eu era um mero estudante, e eles professores com anos de instrução, experiência e conhecimentos adquiridos por pesquisa. Dizer que fiquei impressionado talvez seja pouco. Minha fé e crenças ficaram abaladas, fazendo-me tremer à beira de um abismo de indecisão. O que eu deveria aceitar como verdade? Os ensinamentos desses homens eruditos ou reter minha crença no que me fora ensinado por meus pais e professores da Escola Dominical, Primária, Sacerdócio e aulas de religião, e no que aprendera por experiência própria?

Agora possuo também o grau de doutor no campo das ciências exatas, recebido de uma das grandes universidades do Meio-oeste. Lecionei igualmente em outra excelente universidade como professor catedrático de Química. Tenho feito pesquisas próprias e orientado estudantes em investigações científicas originais. Agora sei o suficiente a respeito de ciência para poder apreciar a diferença entre o que chamamos de fato e teoria. Conheço por estudo e experiência pessoal o grau de fé envolvido mesmo nas áreas mais precisas do conhecimento científico. Conheço os limites das assim chamadas leis e reconheço seu valor e aplicação prática. O conhecimento de meus ex-professores era freqüentemente baseado em teorias que não puderam ser devidamente comprovadas até hoje. Eles aceitavam como fato coisas que não estavam provadas nem verificadas. Mas eu não sabia disso, quando era estudante.

Tremo quando me lembro daqueles tempos. Quão facilmente eu poderia ter seguido aqueles professores tão sinceros no que acreditavam. Quão facilmente eu poderia ter perdido minha fé e minha condição de membro da Igreja, abraçando teorias humanas como verdade. Eu não me importaria de viver minha vida novamente, a menos que pudesse ter o grau de conhecimento e experiência que agora possuo.

Quão grato sou pelos bons pais que tive. Eram pessoas felizes, maravilhosas. Eles nos amavam, e nós, os filhos, os amávamos também. Tive uma infância alegre e segura. Tive um bispo maravilhoso durante aqueles anos críticos, e um excelente presidente de estaca que mais tarde veio a ser presidente da Igreja. Acima de tudo, tive um pai bondoso e paciente que me dava incentivo pessoal e compreensão. Tive da mesma forma na universidade alguns grandes e ótimos professores que me encorajaram a conservar minha fé. Notei que eram homens felizes e bem sucedidos, exatamente como meus pais e líderes eclesiásticos. Alguns desses professores se tornaram intrépidos líderes da Igreja. Um deles chegou a ser apóstolo do Senhor Jesus Cristo. Outros professores e mestres eram bons cristãos, devotados em servir ao próximo e firmes na sua própria fé e confiança em Deus.

Os professores que tentaram levar-me a rejeitar Deus e meus ideais religiosos, nem sempre eram homens felizes. Alguns mostravam-se desiludidos e outros amargurados. Felizmente tomei a decisão de ficar do lado que achava certo. A um dos professores que se mostrou particularmente sarcástico diante de meus conceitos religiosos, eu disse simplesmente: — Doutor, eu me recuso a acreditar no senhor! Responderei às questões das provas da maneira como o senhor deseja, mas quero que saiba que, por mais ignorante que eu seja, uma coisa sei: que Deus vive. Creio nele de todo meu coração. Ouvirei o que o senhor ensina, porém me recuso a mudar minhas crenças ou minha fé.

Ele simplesmente ficou olhando para mim e balançou a cabeça. Mas eu havia sido missionário e não podia negar aquilo que bem no fundo do coração sentia ser verdadeiro. Não tinha como prová-lo para **ele,** mas **eu** acreditava naquelas coisas e elas davam-me esperança e consolo.

Exatamente como aprendi de minha mãe que azul é azul, assim aprendi dela e de meu pai que Deus é Deus. Eles ensinaram-me a ter fé, e eu acreditei. Agora sou uma testemunha especial da divindade de Jesus Cristo e da restauração do poder do Sacerdócio de Deus. Este conhecimento não foi adquirido de um só golpe. Muitas vezes foi obtido penosa e vagarosamente, mas passo a passo, aprendi pela fé e oração, e pelo estudo e experiência, a saber que Deus vive e que realmente fala através dos profetas modernos.

Se ocasionalmente se sentirem desanimados e não souberem que caminho seguir ou no que acreditar, apóiem-se um pouquinho nos ombros da minha geração, até que tenham tempo de convencer-se por si mesmos da veracidade dessas coisas. Lembrem-se de que, se buscarem o Senhor, o acharão. Tenham fé nele, e jamais serão desencaminhados. E quando ficarem mais velhos, sentir-se-ão felizes por terem conservado a fé. Vocês são uma geração escolhida, colocada na terra por um Deus amoroso, a fim de acenderem a luz da esperança para outros que necessitam de líderes que os guiem nestes tempos difíceis. Que Deus abençoe cada um de vocês, para que saibam que **são** filhos de Deus.

Irmãos na Estrada e Fora Dela:

Um Tipo Diferente de Música

Colleen Henrichsen

Fotos pela autora e Virl Osmond

São irmãos na estrada e fora dela. Trabalham juntos, divertem-se juntos e comem juntos. Mas, como se isso não bastasse, os "The Osmonds", famosos por seus discos e concertos, instituíram uma fundação para promover a fraternidade humana.

A Fundação Osmond foi organizada para auxiliar os surdos e cegos, ajudar a combater o abuso de drogas e alcoolismo, e promover o sentimento de fraternidade e boa vontade em todo o mundo.

Esses objetivos assumem um sentido especial para os Osmonds, que são membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — o de divulgar o Evangelho.

A fundação é organizada e administrada totalmente pela família Osmond. Todos participam ativamente dela. O pai do clã, George V. Osmond Sr., é o presidente. Sua



Tom **Osmond,** ciente da insuficiência de pesquisa médica feita para surdos, auxilia uma criança surda com um aparelho doado pela Fundação **Osmond.**

esposa Olive serve como secretária, e o filho Alan como vice-presidente. Os filhos Virl e Tom trabalham como gerentes da Fundação, enquanto os demais — Wayne, Merrill, Jay, Donny, Marie e Jimmy — dão apoio moral, tanto com seus instrumentos como vozes. Os componentes do conjunto vocal gastam muitas vezes seu tempo, quando estão em casa em Provo, enchendo envelopes e lambendo selos para a fundação.

Por que esse interesse pelos menos afortunados?

Quem poderia responder a esta pergunta são os irmãos Virl e Tom, que não fazem parte do conjunto. Eles sofrem de surdez parcial. Enquanto seus irmãos cantores ganhavam fama, os dois lutavam contra essa deficiência.

Tom, sofrendo de surdez mais acentuada que Virl, enfrentava a luta mais dura.

"Eu olhava-me no espelho", explica, "enxugava as lágrimas e dizia: — Tom Osmond, você vai ser independente."

Todavia, sobrepujar os próprios problemas causados pela surdez foi apenas o começo. Virl e Tom deram-se conta da magnitude do problema dos surdos, enquanto faziam missão para a Igreja no Canadá. Foi aí que viram quão pouco está sendo feito em termos de pesquisa médica, inclusive nas áreas de ajustamento psicológico, ensino da fala e educação.

"Tom e eu decidimos que dali por diante faríamos o máximo ao nosso alcance para ajudar outros no "mundo silencioso dos surdos", diz Virl.

Eles foram os responsáveis pela instituição de um programa para surdos no Oeste do Canadá. Isto os levou a uma posterior missão para surdos na Califórnia.

Suas experiências deram origem à idéia da Fundação Osmond, idéia esta que mereceu entusiástico apoio do resto do "clã" Osmond. A fundação foi organizada em fins de 1971.

"Nossa meta de longo alcance é conseguir que os fãs dos 'Osmonds cantores' participem da organização", diz Virl. "Esperamos que nos ajudem sob todos os aspectos, desde a distribuição de folhetos até ensinar crianças surdas a falar."

Além de ensinar os surdos a ler, os fãs poderão ensinar a essas crianças menos afortunadas a leitura labial, emissão da voz, jogar basquete e natação. Os jovens podem ajudar igualmente, lendo para crianças cegas.

"Alguns desses pequenos são realmente prejudicados em seu relacionamento social", explica Virl. "Queremos que se sintam parte de nós, que podem fazer tudo o que nós fazemos."

Em alguns casos, o interesse dos fãs dos Osmonds chegou ao ponto de se profissionalizarem nesse campo. Muitos estão atualmente trabalhando em escolas para surdos-mudos ou preparando-se para seguir a carreira de assistente social.

"Já recebemos diversas cartas de fãs que tiraram proveito de suas experiências com a fundação", conta Virl. "Muitos comentam: 'Ela abriu-me uma carreira totalmente nova. Obrigado por me ajudarem a desenvolver esse interesse'. Se não pudermos fazer mais nada além de interessá-los e torná-los cônscios do problema, já teremos feito alguma coisa."

A Fundação Osmond trabalha em íntima colaboração com pesquisadores no campo das disfunções da comunicação, para criar métodos de ensino e na inovação de vários materiais didáticos especialmente programados.

Sua preocupação com os surdos e cegos é óbvia. E seus princípios religiosos fornecem-lhes um interesse natural pelo problema do alcoolismo e abuso de drogas. Mas incluir estes setores no trabalho da Fundação Osmond foi idéia do conjunto vocal, segundo Virl.

"Milhares de cartas chegavam à sede do fã clube, dizendo: 'Estou

viciado em narcóticos. O que devo fazer?' Os rapazes perceberam a real necessidade dessa preocupação."

Os Osmonds têm planejado propaganda e filmes de televisão para ajudar as vítimas das drogas. A fundação publicou também um folheto a respeito do abuso de drogas.

Sua terceira meta é promover a boa vontade entre os homens. Para os Osmonds, isto quer dizer difundir o Evangelho. O conjunto vocal aproveita toda e qualquer oportunidade para falar dos pontos de vista da Igreja. A fundação age da mesma forma, promovendo sutilmente o Evangelho através do amor aos semelhantes.

Além de promoverem os princípios do Evangelho, os Osmonds estão dando um exemplo vivo de boa vontade para com seus semelhantes. Empenhando-se em ajudar os menos afortunados, eles se fazem embaixadores da boa vontade de muitas maneiras.

"Gente que faz uma coisa tão maravilhosa tem que ser maravilhosa também", diz a carta de um fã de quatorze anos de idade, da Califórnia.

Os Osmonds trabalham juntos e trabalham para outros. E a Fundação Osmond é uma forma, conforme diz o seu lema, de "dar u'a mãozinha onde é necessário".



Donny Osmond ajudando uma criança a sentir o som das palavras

DIÁRIO MÓRMON

"FOI DURO SER DIFERENTE"

Helena Hannonen
Lappeenranta, Finlândia

(Atualmente estudando na Universidade Brigham Young)

No princípio do verão de 1960, dois rapazes andavam percorrendo as ruas de bicicleta, batendo nas portas e conversando com as pessoas; era fácil de ver que se tratava de estrangeiros. Para nós, crianças, era uma coisa excitante, e não perdíamos nenhuma ocasião de ficar ouvindo o que os vizinhos falavam dos mórmons.

Então, certa noite, minha mãe viúva disse ao meu irmão e a mim que não conseguia acreditar naquelas coisas maldosas que diziam dos missionários, e que não estava gostando de como eram tratados. Explicou que ia dar-lhes a oportunidade de visitar-nos e transmitir sua mensagem. Como sou grata pelo espírito cristão de minha mãe!

O élder que nos ensinou falava muito mal o finlandês. Seguidamente, ele nos perguntava se entendíamos o que estava dizendo, e dizíamos que sim. Ele explicava o Evangelho de maneira simples e bela e em agosto daquele ano fomos todos batizados.

Durante muitos anos, na escola, eu era a única SUD. Embora fosse duro ser diferente e suportar os comentários e atos maldosos de meus colegas, eu costumava dizer a mim mesma: "Ouse ser diferente!"

Gradualmente fui superando o medo de ser magoada pela maldade dos outros. Eu não me isolei, mas aprendi a enfrentar as pessoas e a respeitar o direito delas de serem diferentes, também.

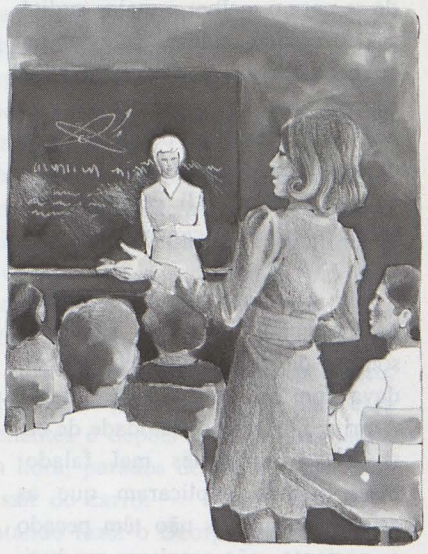
Aos doze anos, tive minha primeira discussão com a professora de religião. Respondi a uma pergunta segundo os ensinamentos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e a professora disse que eu estava errada. Ao permanecer ali de pé escutando o que ela dizia, pude sentir o Espírito do Senhor comigo e fui capaz de citar passagens da Bíblia para apoiar meus argumentos. Finalmente, ela não soube mais o que dizer. A partir desse dia, tive o testemunho de que o Senhor escuta nossos pedidos sinceros e humildes.

Mamãe, embora de físico fraco, era espiritualmente forte; ela ajudou-me a seguir o caminho que eu havia escolhido, guiando-me com mão firme, porém gentil. Em lugar de passar as noites nos escuros e fumarentos cafés tão populares entre a juventude, fui incentivada a estudar música, artes, ler bons livros e praticar esportes. Não demorou e eu granjeei o respeito de meus colegas de classe, sendo uma líder entre eles.

Toda vez que minha classe era designada para dirigir o serviço religioso matinal, eles queriam que eu apresentasse os pontos de vista da minha religião a todo o corpo discente. Minha classe me apoiava, substituindo o canto de seus hinos religiosos por gravações do Coro do Tabernáculo.

Passados sete anos, minha professora de religião pediu-me que fizesse uma palestra de quinze minutos em classe a respeito da Igreja. A sessão de perguntas e respostas que se seguiu ocupou o horário de duas aulas. Então ela veio a mim e me disse saber que eu estava certa e que se encontrava pronta para ler o Livro de Mórmon.

Tenho sido abençoada com preciosas experiências, e o Salvador tem sido meu pastor, minha luz e meu especial amigo durante todos os anos de minha juventude.



A professora disse que eu estava errada, mas fui orientada pelo Espírito do Senhor e, finalmente, ela não soube mais o que dizer.

A CORAGEM DE MEU AVÔ

Asmund H. Hermes
Trondheim, Noruega

Devo ao meu avô materno o privilégio de ter sido criado na Igreja, em Narvik, Noruega. Por manter-se livre de gelo o ano todo, o porto de Narvik tornou-se o centro de embarque dos ricos minérios provenientes da Lapônia Sueca; e assim, o povo foi sendo atraído para a área pelas possibilidades de enriquecer. Ainda hoje ele apresenta movimentado intercâmbio com países estrangeiros.

Meu avô foi para lá como mestre-escola e cantor contratado da igreja, em fins do século passado. E mamãe, a caçula de doze filhos, muitas vezes acompanhava o pai, mesmo quando ainda bastante jovem. Quando ela estava com dezesseis anos, uma noite vovô a convidou para ir com ele a uma reunião na cidade. Mostrava-se bastante misterioso a respeito, dirigindo-se para o melhor e maior auditório da cidade onde devia falar um conhecido político. Porém, não parou ali. Em vez disso, conduziu-a por uma passagem para um local de aparência bem menos respeitável nos fundos. Ali estavam dois sorridentes americanos para darlhes boas-vindas.

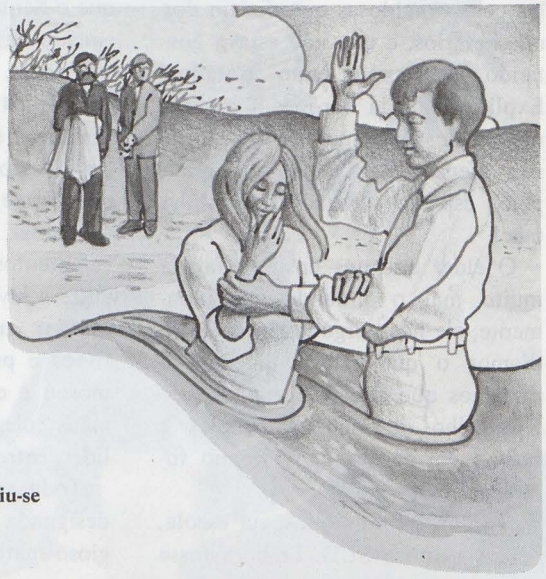
Ele a levara ali naturalmente para ouvir o Evangelho, e para assombro de minha mãe, ela concordava com os ensinamentos deles. A princípio, teve dificuldade de entender o norueguês mal falado; mas, quando explicaram que as crianças pequenas não têm pecado e, portanto, não precisam ser batizadas, ela começou a interessar-se.

Os élderes ensinaram-lhe o Evangelho, e um dia ela comunicou ao pai que desejava ser batizada. Vovô ficou em dúvida se convinha alguém tão jovem dar esse passo. Entretanto, no dia seguinte, ele andou quase cinco quilômetros do serviço até em casa no meio do dia, porque não conseguia ter paz de espírito a respeito da questão. Isto deixou mamãe assustada, pensando que ele estivesse seriamente doente — pois deixar o trabalho antes da hora era o mesmo que pedir para ser despedido. Ele, todavia, viera apenas para dizer à filha que, se ela possuía coragem para filiar-se à Igreja e perder seus amigos, dava-lhe sua permissão para fazê-lo. Depois de falar, sentiu como se lhe tivessem tirado um peso enorme dos ombros, e voltou para o trabalho.

O batismo foi realizado numa praia deserta, a quilômetro e meio da habitação mais próxima, onde uma bondosa anciã lhe permitiu trocar de roupa. Não compreendendo muito bem o que pretendiam, ela ficou chocada, quando voltaram tremendo dentro das roupas geladas. Era outubro, e a temperatura estava a dez graus, embora a água estivesse bem mais quente, graças à Corrente do Golfo que nos chega da longínqua América.

Minha mãe sentia-se feliz. Embora perdesse velhos amigos e parentes, todos eles acabaram voltando, e ela conseguiu ganhar o respeito e admiração de todo mundo. Mais tarde, ela pôde presenciar o batismo dos pais. Eu aprendi o Evangelho aos pés dela, e ainda que na época as auxiliares não funcionassem plenamente (Narvik era o ramo mais setentrional da Igreja), um punhado de membros fiéis reuniam-se regularmente, ansiosos por comunicar a todos os que conheciam que o Senhor voltara a falar.

Agora estamos vendo o amanhecer de um novo dia. Não só as obras-padrão mas os livros de lições e outros materiais foram traduzidos para o norueguês. Todos os anos, temos conferências de jovens e acampamentos, além das conferências de distrito e regionais diversas vezes por ano, e agora tivemos ainda a grande conferência de área. Pude ver as belas capelas modernas construídas em Trondheim (onde servi como presidente de ramo), Bergen, Drammen e Oslo, além dos dois templos construídos para atender os santos europeus. O Evangelho está-se difundindo rapidamente.



Depois do batismo, ela viu-se abandonada por parentes e amigos. Mas logo conquistou sua admiração.

Os Mandamentos do Senhor nos Abençoam

Presidente Hartman Rector, Jr.
do Primeiro Conselho dos Setenta
Ilustrado por Ted Henninger

Os profetas de hoje não têm deixado dúvidas de que todo membro da Igreja tem a responsabilidade de compartilhar o Evangelho. Todavia, descobri que os profetas modernos raramente, ou nunca, dizem qualquer coisa que o Senhor já não tenha dito.

A injunção: "Cada membro um missionário" apenas reforça as palavras do Senhor, registradas no versículo 81 da seção 88, de Doutrina & Convênios: "Eis que vos enviei para testificar e prevenir o povo, e todo o que for prevenido deverá prevenir o seu próximo."

Como acontece com todos os mandamentos do Senhor, aparentemente nunca conseguimos entender de todo as futuras conseqüências de nossos atos ao cumprirmos as ordens do Senhor. Eles sempre resultam em grandes bênçãos para nós, pois seu único propósito é "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem". (Moisés 1:39) Naturalmente, todos os seus mandamentos são para nosso próprio bem.

Em 1952, eu retornava para San Diego, Califórnia, da campanha na Coréia durante a qual eu fora batizado na casa da missão, em Tóquio, Japão. Como recém converso, eu estava certo de que todo mundo, em toda parte, estava à procura do Evangelho de Jesus Cristo que eu encontrara. Tendo-o achado, eu ia dá-lo aos outros, quisessem ou não.

Passei a fazer parte de uma "sociedade" de carona que funcionava entre meu bairro, em Chula Vista, Califórnia, e North Island, onde eu trabalhava. Da tal sociedade participavam mais quatro homens da Marinha — todos não-membros. Três deles eram tenentes (como eu) e o outro soldado raso, artilheiro de primeira classe, chamado George Whitehead. Eu estava todo animado com a perspectiva de converter aqueles quatro companheiros de condução. Seria uma "sopa", pois eram duas viagens de quarenta e cinco minutos por dia, durante as quais ficavam presos ali comigo no carro — eles tinham que escutar. Decidi converter aqueles quatro, depois passar para outro grupo e convertê-lo, e assim por diante. Ora, em pouco tempo eu podia converter uma ala inteira!

Pus-me a trabalhar com meus quatro camaradas. Três deles (os tenentes) obviamente não prestavam atenção a uma única palavra do que eu falava, ou se prestavam, não dava para perceber; minhas palavras pareciam não encontrar eco algum. Mas o soldado raso, George Whitehead, não ousava fazer ouvidos de mercador. Percebi que estava interessado; por isso, quando era a minha vez de guiar, eu levava para casa primeiro os três tenentes e depois ficava doutrinando o George por uma hora, parados defronte à sua casa, antes de deixá-lo sair do carro.

Continuei tentando fazer o George prometer visitar a Igreja, mas ele resistiu durante umas quatro semanas. Finalmente, concordou em ir e prometeu que sua esposa, Lucille, também iria. Fiquei tão emocionado, que me lembro ainda que, na véspera do primeiro

domingo em que George e Lucille iriam à Escola Dominical, fui até a capela e lavei a porta dos fundos, por onde eu sempre costumava entrar. Pedi ajuda de um jovem que devia considerar-me meio doido, pois comentou:

— Por que está lavando a porta dos fundos da capela? Ninguém lava a porta dos fundos de uma igreja!

Assegurei-lhe que estava lavando aquela porta, porque ela precisava de uma limpeza; e além do mais, na manhã seguinte, George e Lucille iriam passar por aquela porta. E tudo deveria estar perfeito para eles, a fim de que vissem a igreja do Senhor como realmente é.

Suponho que ninguém examina a Igreja mais criticamente que o missionário que está trazendo o investigador pela primeira vez. Como é importante que todos os bebês fiquem quietos e a música seja bem tocada. Também seria ótimo que ninguém dos sentados no púlpito cochilasse, mas creio que isto já seria esperar demais.

George e Lucille foram à Escola Dominical, e eu estava lá para recebê-los. Naquele dia, tivemos uma aula excelente. (Quem deu a aula fui eu.) George estava visivelmente impressionado. Parecia literalmente uma esponja, absorvendo palavra por palavra. Mas sua mulher, Lucille, sentada ao lado dele, lembrava mais uma esfinge. Não dava para perceber se tinha ouvido uma única palavra. Eu estava preocupado. Mal conseguia esperar o fim da aula para conversar com ela.

Ao sairmos da capela pela porta dos fundos **lavada,** indaguei:

— Lucille, o que achou da nossa Escola Dominical?

E ela respondeu, sem um sorriso:

— Nasci metodista e espero morrer metodista.

Naquele tempo, eu não conhecia a história de Le Grand Richards a respeito do inglês e do escocês em que o primeiro diz: "Eu nasci inglês, criei-me como inglês e espero morrer como inglês." Ao que o escocês responde: "Você não tem nenhuma ambição?"

Eu poderia ter usado a mesma resposta, presumo. Mas em vez disso, respondi:

— Lucille, eu lhe prometo que, para ser um santo dos últimos dias, você não precisa renegar qualquer verdade que tenha aprendido como metodista. Nós não temos disputas com outras igrejas ou crenças religiosas. Não escrevemos panfletos contra outras igrejas e jamais o faremos, porque não pretendemos destruir a fé das outras pessoas, mas, pelo contrário, nosso objetivo é construir. Aos nossos amigos protestantes que crêem na salvação pela "graça através da fé", nós dizemos: "Também cremos nisso — pois não dizem as Escrituras: '... sem fé é impossível agradar-lhe (a Deus)'?" (Hebr. 11:6) nós somente queremos acrescer sua fé. Por isso, dizemos aos nossos amigos protestantes: "Venham, permitam que compartilhemos com vocês a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo. Não vamos tirar-lhes nenhuma verdade, apenas acrescentar certas obras e a autoridade do Sacerdócio ao que já possuem."

Foi o que eu disse, em essência, a Lucille naquele dia. Ela não fez mais comentário algum. Esse episódio deu-se em 1952.

Em 1958, eu me encontrava em Washington D.C., ainda servindo na Marinha, e recebi ordens de fazer um curso especial sobre segurança na aviação, na Universidade da Califórnia do Sul. Durante minha estada em Los Angeles, tive oportunidade de passar bastante tempo no Templo de Los Angeles. Segundo me recordo, fiz o trabalho vicário por todos os meus avós e bisavós. A senhora que atuou como procuradora de duas de minhas avós e minha própria mãe (que havia então falecido sem aceitar o Evangelho) foi a mesma Lucille Whitehead, que conforme afirmara, "nascera metodista e esperava morrer metodista". Ela não conseguiu cumpri-lo — na verdade, estava pronta para batizar-se apenas três semanas depois dessas suas palavras naquela manhã de domingo em San Diego. Por que? Porque seu coração fora tocado pelo Espírito Santo, e ela sabia que o Evangelho é verdadeiro.

O Senhor, sem dúvida, escolhe caminhos misteriosos para obrar suas maravilhas. Como eu poderia crer que compartilhar o Evangelho com um dos companheiros de carona tornaria possível a vida eterna para minha própria mãe?

Existem tantas coisas que ignoramos, mas que são conhecidas por nosso Pai Celestial. A nós convém seguir sua orientação, pois é certo que seremos eternamente abençoados, assim fazendo.

O DIA SANTIFICADO

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.
"Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.
"Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra. . .
"Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou."

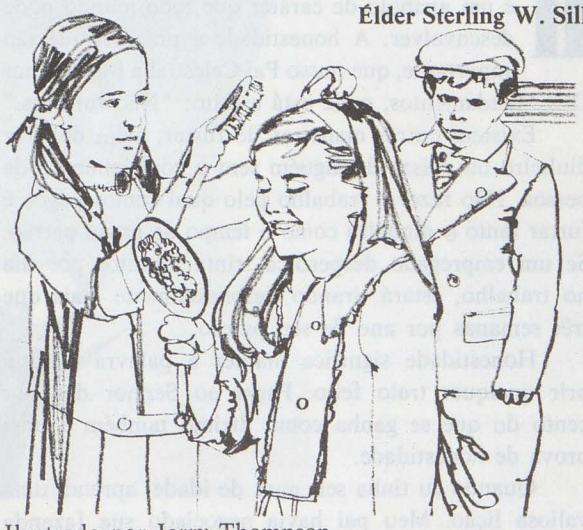
Êxodo 20:8-11

Uma das mais nítidas memórias que guardo da infância é a lembrança do dia santificado. Naqueles tempos no campo, o domingo era um dia completamente diferente dos demais da semana. De segunda a sábado, nossa atenção concentrava-se no duro trabalho de ganhar a vida com a força muscular de homens e animais.

Mas o domingo, este era diferente — era o dia santificado. Era o dia de descanso. Era o dia do Senhor. No sábado à noite, os cavalos eram soltos no pasto, e cessava todo o trabalho. O sábado também era uma espécie de dia de limpeza especial, para pôr as coisas e pessoas em ordem para o domingo. O ato final da semana de trabalho era. . . o "banho de sábado à noite". Este era suplementado pela distribuição, por parte dos pais, de um suprimento de roupas limpas, devidamente consertadas, prontas para serem usadas no domingo. . .

Este é o dia em que se espera que mostremos nosso lado melhor, em que vestimos nossas melhores roupas, lemos nossos melhores livros, temos nossos melhores pensamentos, e convivemos com as pessoas que são mais importantes para nós. E depois de pormos de lado os cuidados que nos ocupam os restantes seis dias da semana, vamos à casa de oração e elevamos nossos pensamentos, procurando compreender as coisas de Deus.

Élder Sterling W. Sill



Ilustrado por Jerry Thompson



DE UM AMIGO PARA OUTRO



Sê Honesto

O. Leslie Stone

Assistente do Conselho dos Doze

Honestidade, a capacidade de merecer confiança, é um atributo de caráter que todo mundo pode desenvolver. A honestidade é uma virtude tão importante, que nosso Pai Celestial a incluiu nos Dez Mandamentos, onde está escrito: "Não furtarás."

Existem outras maneiras de furtar, além de tirar dinheiro ou coisas de alguém sem o conhecimento da pessoa. Não fazer o trabalho pelo qual somos pagos é furtar tanto o dinheiro como o tempo de nosso patrão. Se um empregado desperdiça trinta minutos por dia no trabalho, estará tirando desonestamente mais que três semanas por ano de seu patrão.

Honestidade significa manter a palavra e cumprir qualquer trato feito. Pagar ao Senhor dez por cento do que se ganha como dízimo também é uma prova de honestidade.

Quando eu tinha seis anos de idade, aprendi uma valiosa lição. Meu pai havia negociado sua fazenda em troca de participação num empório em Driggs, Idaho, o qual iria gerenciar. Papai era gerente do empório havia pouco tempo, quando chegou uma grande remessa de balas acondicionadas em baldes de madeira. Certa manhã, chegando ao empório, encontrei todos os baldes abertos, para que fossem enchidos os vidros de balas que ficavam no balcão.

Todas aquelas balas pareciam tão gostosas, que não resisti e enchi os bolsos. Porém, para sair do empório, eu tinha que passar pela parte da frente da loja onde papai trabalhava. Vendo meus bolsos estufados, pôs o braço em redor do meu ombro, levou-me para um quartinho dos fundos e conversou comigo sobre a importância de sermos honestos.

Depois, papai me pediu que esvaziasse os bolsos, explicando que era dono de apenas metade do empório, e que sempre que alguém da família levasse alguma coisa dali, essa coisa deveria ser paga. Se simplesmente

levássemos as coisas sem pagar, na verdade estaríamos roubando seus sócios.

Recentemente nosso neto, Adam, foi conosco, a Irmã Stone e eu, para a Califórnia. Lá pelo meio-dia, paramos para tomar um lanche. Quando a moça trouxe a conta, não prestei muito atenção, mas ao receber o troco, percebi que ela me havia cobrado só dois sanduíches em lugar de três.

Eu não ignorava que, no fim do dia, ela precisava dar conta do dinheiro, e de repente me lembrei do que meu pai me ensinara a respeito da honestidade. Achei que era uma ótima ocasião de conversar com Adam sobre o mesmo assunto, e assim nós voltamos a sentar e expliquei-lhe o que havia acontecido. Disse-lhe que tínhamos um problema: poderíamos sair e ficar com o troco a mais, e ninguém notaria a diferença, ou então poderíamos dizer à moça que ainda devíamos um sanduíche. Nossa decisão não foi difícil de tomar ao compreendermos que, ficando com o dinheiro que não nos pertencia, estaríamos quebrando o mandamento: "Não furtarás." Concordamos que nosso Pai Celestial ficaria aborrecido conosco, e nós também, pois lá no íntimo, saberíamos que não fomos honestos.

Adam e eu fomos para junto da moça no balcão e expliquei-lhe que ela nos cobrara a menos e que lhe devíamos quase um dólar. Por um momento, ela ficou vermelha de tão embaraçada, mas depois agradeceu por termos avisado de seu engano. Continuamos nossa viagem com um agradável sentimento, e estou certo de que o Pai Celestial também aprovou nossa conduta.

Se aprendemos a ser honestos nas pequenas coisas, isto se torna um hábito e fica bem mais fácil sermos honestos nos grandes negócos. Durante toda minha vida de comerciante, tenho lidado com grandes somas de dinheiro que não é meu. Sou grato por nunca haver desapontado os que confiaram em mim. Se eu tivesse sido desonesto, jamais teria tido oportunidades para crescer e progredir.

Oro para que vocês sempre se lembrem do excelente aviso de Shakespeare, quando disse:

"Acima de tudo, sê honesto contigo mesmo, e tão certo como a noite segue o dia, não poderás ser falso com ninguém."

Hamlet, Ato I, Cena 3





A Árvore da Felícidade

Ilustrado por Richard Hull

Eva Gregory de Pimienta



Ilustração de James Christensen

(Parte I)

As notas agudas, melodiosas da flauta de bambu fluíam docemente do alto do rochedo onde descansava Adriano, o pequeno pastor. Havia muitos dias que sua música soava melancólica. Havia nela um tom estranhamente saudoso que nem mesmo o compositor da toada compreendia.

Enquanto os dedos se moviam agilmente sobre o instrumento, seus olhos escuros observavam o largo caminho que passava a seus pés. Era a principal estrada para a grande cidade de Oaxaca; fazia uma semana que por ali passaram forasteiros. Mas nenhum deles quis parar para falar ao garoto das maravilhas e belezas da grande cidade.

Será que nunca vou passar de um reles pastor? matutava Adriano, enquanto se esvaíam as últimas notas da flauta.

Deixando-se escorregar pelo rochedo abaixo, assobiou para seu cão preto, o Sentinela.

— Traga as ovelhas, — ordenou, e o cão, depois de lamber-lhe os dedos, saiu correndo para fazer seu trabalho.

Já então os vales se cobriam de densas sombras arroxeadas, tingindo-se as nuvens de tons laranja, rosa e malva com os raios do sol poente. Tirando seu largo sombrero de palha, Adriano enfiou pela cabeça sua manta de lã, o **serape,** e colocou de novo o chapéu.

Com todo o cuidado, guardou a flauta dentro da camisa de algodão. Era de longe a melhor flauta que já conseguira fazer, mas ainda assim Adriano não estava totalmente satisfeito com ela. Ansiava por ouvir e mesmo tocar o tipo de música que costumava ser executada nas salas de concerto citadinas.

Baixando os olhos para as pequenas mãos maltratadas, perguntava a si mesmo: **Será que conseguirei**

pegar num violino antes que elas fiquem nodosas e duras como as dos aldeões?

Depois, passou a contar as ovelhas à medida que Sentinela as tocava montanha abaixo, em direção do punhado de cabanas cobertas de sapé que compunham o minúsculo povoado onde vivia. Quando Adriano chegou à estrada, já era quase noite. De repente, ele estacou, procurando ver melhor através do lusco-fusco. Mal e mal conseguia distinguir a velhinha que vinha andando apoiada num bastão.

— **Buenas tardes** — cumprimentou-a Adriano, esperando reconhecê-la como uma das suas vizinhas.

Porém, ao aproximar-se, viu que era uma estranha. Seu lenço típico e grandes argolas de ouro nas orelhas mostravam-lhe que era uma cigana.

— **Buenas tardes!** — retribui ela, com um largo sorriso desdentado.

— Vejo que a noite a surpreendeu na estrada, **señora,** — disse ele polidamente.

— Tem razão, — admitiu a velha com ar cansado. — Mas estou acostumada a dormir ao relento, na beira do caminho.

Adriano notou que ela não trazia nenhum xale ou manta para proteger-se do frio da noite.

— Minha casa fica logo ali adiante, — ofereceu Adriano. — Por que não fica conosco esta noite e continua seu caminho amanhã cedo?

— Agradeço sua gentil oferta, meu filho, — retrucou, — mas acho que seus pais não vão gostar, se me levar para sua casa. Eu não costumo ser muito bem recebida.

— Na minha casa será! — insistiu Adriano. — Somos gente pobre, mas o que temos repartimos com os outros.

Avançando a bengala, a velha chegou mais perto de Adriano. O menino sustentou seu olhar firmemente, enquanto ela examinava aquele rosto de garoto.

— Pode ser, — disse mansamente, quase que para si mesma, — que você seja aquele que venho procurando há tanto tempo. Mas preciso ter certeza. Aceitarei sua hospitalidade!

Quando Adriano tocava as ovelhas para dentro do curral cercado por cactos colunares, sua mãe saiu à porta.

— **Madre,** — explicou, — esta vovozinha veio de muito longe e está muito cansada. Eu a trouxe para passar a noite aqui em casa.

— **Bienvenida!** — cumprimentou a mãe de Adriano, estendendo a mão com um sorriso.

A velha deixou-se conduzir para dentro da cabana, onde as labaredas ardiam alegremente no fogão. Uma tocha de resina lançava sombras inquietas sobre o tosco mobiliário.

O pai de Adriano fez os bois entrarem no pequeno curral, justamente quando Adriano acabava de ordenhar a velha cabra.

— Pode deixar que eu tiro a canga e trato deles, — falou Adriano. — Temos visita hoje à noite.

O pai descansou a mão sobre o basto cabelo escuro do filho, sorrindo enquanto o menino lhe falava da anciã. Quando chegaram à cabana, as **tortillas** estavam esquentando para o jantar.

— Tome, — disse o menino gentilmente, oferecendo uma **tortilla** à velhinha. — Garanto que esta é bem mole e fácil de mastigar.

Então o menino viu uma lágrima rolar pela face envelhecida, seguindo o curso de um vinco profundo.

— Que Deus o abençoe, filho! — disse ela.

Terminado o simples jantar de feijão, **tortillas,** molho **chili** e leite de cabra, Adriano trouxe seu próprio cobertor e colocou-o sobre os ombros curvados da mulher.

— Agora tenho certeza. Eu achei quem procurava, — murmurou. E então, remexendo nas muitas dobras de sua saia multicor, ela tirou algo embrulhado num pedacinho de papel. Abrindo o pacote, botou aquilo na mão de Adriano.

— Uma semente? — perguntou o menino, e a velha fez que sim com a cabeça.

— É a semente de uma árvore linda e rara chamada **tabachin,** mas eu a chamo de árvore da felicidade, — explicou.

— Por que a deu ao meu filho? — perguntou o pai.

— Nem todos saberiam usá-la sabiamente, — replicou a velha. — Há muito tempo venho procurando um menino de coração puro e generoso que saberá o que fazer dela. Penso que Adriano é esse menino.

— Ela me trará fama e riqueza? — indagou Adriano inocentemente, porém curioso.

A velha sorriu sabiamente: — Ela lhe trará felicidade, — disse.

O garoto revolvia entre os dedos a semente dura, alongada. **Que segredo surpreendente não esconde esta estranha semente?** imaginava. **Será mesmo que encerra o segredo da felicidade?**

Erguendo o olhar, Adriano pediu à velha que lhes falasse das grandes cidades e da música que nelas se tocava.

Ela sorria, vendo Adriano sentar-se no chão ao lado da cadeira dela, com os braços em volta dos joelhos. Sentiu a garganta embargada de emoção, ao ouvi-la contar histórias dos grandes auditórios feerica-

mente iluminados, com filas e mais filas de poltronas estofadas de veludo vermelho, e homens e mulheres elegantemente trajados, conversando animadamente em voz baixa, enquanto aguardavam os primeiros acordes da orquestra. Por alguns momentos, Adriano viu-se transportado para longe da sua humilde cabana. E suspirou quando o pai lembrou bondosamente:

— Está na hora de ir para a cama.

— **Si,** — concordou a anciã. — Tenho que seguir amanhã bem cedo. Você me acompanha um pedacinho, não é, Adriano?

— Mas claro, — respondeu o garoto.

— Todo lar precisa de uma avó, **señora,** — comentou a mãe de Adriano, — e nós não temos nenhuma. Por que não fica conosco?

— Fique, por favor! — implorou o garoto.

— Enquanto houver uma árvore de felicidade eu não serei esquecida, — prometeu a anciã.

Na manhã seguinte, ela explicou a Adriano como plantar a semente e cuidar dela quando brotasse. Sua mãe sugeriu que ficaria bem ali no pátio, ao lado da porta.

Adriano deixou a semente embeber-se de água à luz do sol. Quando estava intumescida e a casca dura mais mole, ele cuidadosamente cortou as pontas e plantou-a no pátio, do exato modo que havia sido instruído.

Então começou a espera. Lá pelo fim da segunda semana, certa manhã ao levantar-se, Adriano encontrou os primeiros brotos rompendo a camada de terra. A haste já se mostrava rija e forte.

Adriano cuidou da plantinha com todo carinho. Quando o pé de **tabachin** começou a mostrar suas pontas acima da cerca de cactos, terminou o tempo de escola de Adriano. Agora estava com doze anos e já não podia mais pastorear ovelhas. Estava em idade de arar a terra e plantar milho. Terminado o trabalho do dia, ele sentava-se debaixo da folhagem rendada da árvore da felicidade e tocava sua flauta.

— Às vezes chego a desejar que aquela mulher nunca tivesse dado essa semente ao Adriano, — dizia o pai à mãe. — Tenho medo de que o rapaz passe a vida inteira sonhando.

A mãe apenas sorria.

— É um bom menino, — respondia. — Nossa vida é tão dura, por isso deixe-o sonhar.

Um dia, Adriano notou que a árvore estava coberta de botõezinhos verdes. Por muitos dias, ficou observando eles crescerem, até que começaram a abrir, e a árvore inteira ficou coberta de flores escarlates qual orquídeas pinceladas de dourado. Muita gente parava na estrada para admirar aquela vista maravilhosa.

— É uma árvore extraordinária! — admitiu o pai. — Floresce e continua verde, quando tudo está seco e a terra árida.

O coração de Adriano encheu-se de orgulho e satisfação.

Mas, admirava-se, **será só isto? Será que não me vai trazer fama e riqueza?**

Certo dia, quando as longas vagens castanhas que guardam as sementes do **tabachin** pendiam secas de seus longos ramos, Adriano surpreendeu-se com o tinido de esporas de prata e ranger de arreios de couro dentro do pátio.

— Eh, você aí! — chamou uma voz orgulhosa.

Adriano levantou-se e fez uma mesura. Ele conhecia aquele homem montado no belo cavalo negro. Era **Don** Porfirio Paz, um dos maiores proprietários de terras da região.

— Avise seu pai que quero comprar esta propriedade!

Adriano riu incrédulo.

— Nossa terra não vale nada, e além disso, não está a venda.

— O que eu quero é o **tabachin,** — respondeu **Don Porfirio** irritado. — Eu o vi quando floriu. Quero fazer uma surpresa para minha mulher, plantando dessas árvores na alameda de minha fazenda.

— Mas não há motivo algum para comprar a árvore, — replicou Adriano. — Eu lhe dou quantas sementes quiser.

— Eu quero a árvore, — insistiu o homem. — Colherei todas as sementes e depois mando cortá-la.

Adriano não compreendia. Foi até a árvore e apanhou diversas vagens dos ramos mais baixos.

— Se estas não vingarem, eu lhe darei mais, — assegurou ao ricaço.

De repente, Adriano viu o enorme cavalo avançar e empinar sobre as patas traseiras, ficando com os cascos por um momento suspensos sobre sua cabeça. Com um golpe de rebenque, **Don** Porfirio arrancou as sementes das mãos do rapaz.

— Estúpido! — vociferou. — Quero a árvore só para mim! Não quero que mais ninguém tenha uma igual.

E lá se foi, desaparecendo numa nuvem de pó.

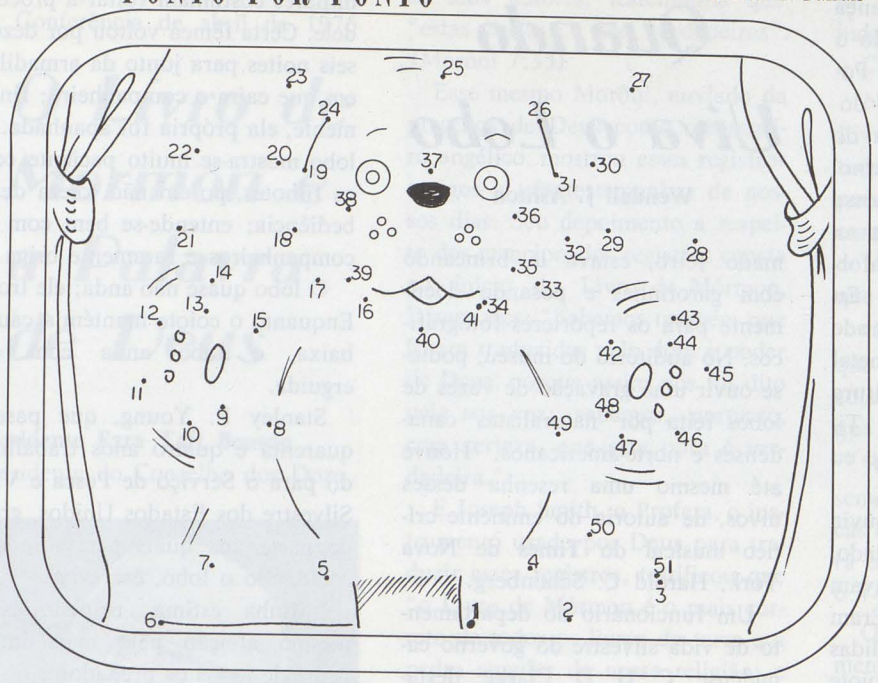
Agora Adriano começava a entender que só riqueza não traz felicidade, pois **Don** Porfirio era muito, muito rico, mas tinha um coração mesquinho e egoísta.

Por longo tempo, o rapaz ficou ali, de olhos erguidos para a folhagem luxuriante da árvore, vendo as centenas de longas vagens que continham milhares de sementes. Aos poucos, começou a nascer-lhe uma idéia.

(Conclui no próximo número)

PONTO POR PONTO

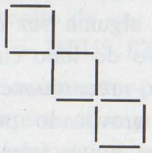
Roberta L. Fairall



Só para Divertír

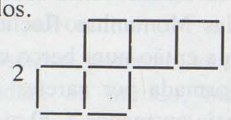


1

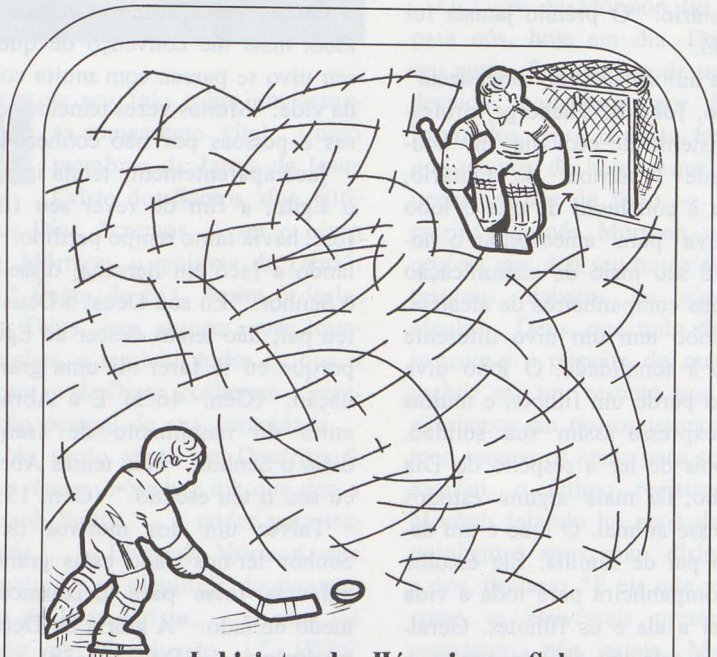


Forme 3 quadrados com 12 palitos. Movendo 4 palitos, forme uma figura com 4 quadrados.

2



Forme 5 quadrados com 16 palitos. Movendo apenas 2 palitos, forme uma figura com 4 quadrados.



Labirinto de Hóquei no Gelo

Roberta L. Fairall

Faça um gol e ganhe um ponto, impelindo o disco sem cruzar nenhuma linha.

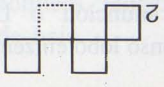


Esta boa senhora ofereceu-se para trazer o Júnior para casa, depois que ele adormeceu no Zoológico.

1



2



Quando Uiva o Lobo

Wendell J. Ashton

Não tenho a mínima lembrança de alguma vez ter ouvido o uivo do lobo cinzento. Porém, recordo-me ainda do calafrio provocado pelo uivo do coiote nas noites frias de inverno.

Quando eu era garotinho, nossa casa de tijolos amarelos ficava na orla da cidade, junto aos contrafortes das Montanhas Rochosas. Eu dormia então num berço cuja grade era formada por varetas de metal de mais ou menos 1,20 m de altura e distantes uns 7 cm entre si. Tinham por objetivo impedir que eu caísse da cama.

Porém, nas noites em que ouvia os coiotes uivando no vento gelado, aquelas varetas de metal davam uma sensação confortadora. Eram mais uma proteção além das sólidas paredes de nossa casa. Um coiote uivando faz o coração disparar e a noite parecer mais misteriosa.

Mas eu sabia que o uivo do coiote não podia ser comparado com o de um lobo. Afinal, o coiote é bem menor que seu primo, o lobo cinzento.

O lobo é temido e odiado por homens e meninos há muitos, muitos séculos. Não menos de três vintenas de antigos escritores gregos e romanos escreveram a respeito dele, muitas vezes como sendo um animal feroz e maligno. Já na primitiva Grécia, pagava-se um prêmio pela pele do lobo. A coleira que costumamos usar em nossos cães hoje em dia, tem sua origem num protetor contra mordidas de lobo na garganta do animal.

Durante todos esses séculos, o homem vem combatendo o lobo com covas, cercados e veneno, com rifles e armadilhas, tanto de madeira como de aço.

Certo poeta descreveu o uivar do lobo como o "canto de sangue".

Então, outro dia, o Museu Americano de História Natural em Nova York anunciou o Dia do Lobo. Um manso lobo cinzento chamado Jetro, estava lá brincando com garotinhas e posando docilmente para os repórteres fotográficos. No auditório do museu, podia-se ouvir uma gravação de vozes de lobos feita por naturalistas canadenses e norte-americanos. Houve até mesmo uma resenha desses uivos, de autoria do eminente crítico musical do **Times** de Nova York, Harold C. Schonberg.

Um funcionário do departamento de vida silvestre do governo canadense, C. H. D. Clarke, destacou que ainda continuava de pé a recompensa oferecida pelo falecido Jim Curran, de Sault Saint Marie, Ontário, para qualquer pessoa que houvesse sido mordida por um lobo em Ontário. O prêmio jamais foi cobrado.

Uma autoridade em "linguagem" de lobo, John B. Theberge, professor-assistente de ecologia na Universidade Waterloo, de Ontário, chegou à conclusão de que o lobo não uiva para amedrontar o homem. É seu meio de comunicação com seus companheiros de alcatéia. Cada lobo tem um uivo diferente quanto à tonalidade. O lobo uiva quando perde um filhote, e muitas vezes expressa assim sua solidão.

Depois de ler a respeito do Dia do Lobo, fiz mais alguns estudos sobre esse animal. O lobo é um devotado pai de família. Ele escolhe uma companheira para toda a vida e é fiel a ela e os filhotes. Geralmente a cria vai de três a oito, e os pais continuam dedicando-lhes afeto até que estejam completamente adultos, e às vezes, muito mais tempo ainda. Quando um lobo cai numa armadilha, seus familiares costumam voltar à procura dele. Certa fêmea voltou por dezesseis noites para junto da armadilha em que caíra o companheiro; finalmente, ela própria foi apanhada. O lobo mostra-se muito paciente com os filhotes, porém não tolera desobediência; entende-se bem com os companheiros e raramente briga.

O lobo quase não anda; ele trota. Enquanto o coiote mantém a cauda baixa, o lobo anda com ela erguida.

Stanley P. Young, que passou quarenta e quatro anos trabalhando para o Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos, grande parte dos quais perseguindo e estudando o lobo, escreveu:

"Minha estima, respeito, sim, mesmo afeição pelo mais inteligente de todos os predadores norte-americanos, o lobo (**Canis lupus**), tiveram início há meio século atrás." (The Last of the Loners [Nova York: The Macmillan Co., 1970], p. 305).

Quanto mais aprendo acerca do lobo, mais me convenço de que o seu uivo se parece com muita coisa da vida. Muitas vezes tememos coisas e pessoas por não conhecê-los.

Jacó aparentemente temia ir para o Egito, a fim de rever seu filho José, havia tanto tempo perdido. Falando a Jacó em Berseba, disse-lhe o Senhor: "Eu sou Deus, o Deus de teu pai; não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação. (Gên. 46:3) E a Abraão, antes do nascimento de Isaque, dizia o Senhor: "Não temas Abrão, eu sou o teu escudo." (Gên. 15:1)

Talvez um dos motivos de o Senhor ter-nos dado estas grandes palavras fosse para deixarmos o medo de lado: "A glória de Deus é inteligência." (D&C 93:36)

Tem medo de alguém? Aprenda mais sobre ele. Teme o câncer? Aprenda mais sobre ele e depois combata-o. Teme a morte? Aprenda mais sobre a eternidade.

Discurso proferido na Sessão Geral da Conferência de abril de 1975

O Livro de Mórmon é a Palavra de Deus

Presidente Ezra Taft Benson
Presidente do Conselho dos Doze



Hoje vos falo sobre um assunto sumamente vital. Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, "cremos... ser o Livro de Mórmon a palavra de Deus". (8.ª Regra de Fé). Assim o declarou Deus, seus autores, suas testemunhas, e também todos os que o leram, e de Deus receberam a revelação pessoal de sua veracidade.

Na seção vinte de Doutrina & Convênios, o Senhor diz que deu a Joseph Smith "... poder para traduzir... o Livro de Mórmon, que contém... a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo... O qual foi dado por inspiração..." (D&C 20:8-10)

Néfi, um dos autores profetas do Livro de Mórmon, testifica que este contém "as palavras de Cristo" (2 Néfi 33:10), e Morôni, o último de seus autores, testemunha que "estas coisas... são verdadeiras". (Morôni 7:35)

Esse mesmo Morôni, enviado da presença de Deus como mensageiro angélico, mostrou esses registros antigos a três testemunhas de nossos dias. Seu depoimento a respeito dos mencionados registros consta no início do Livro de Mórmon. Dizem eles: "Sabemos também que foram traduzidas pelo dom e poder de Deus, porque assim nos foi dito pela sua voz; sabemos, portanto, com certeza, que esta obra é verdadeira."

E Joseph Smith, o Profeta, o instrumento usado por Deus para traduzir esses registros, testificou que "o Livro de Mórmon é o mais correto de todos os livros da terra e a pedra angular da nossa religião; e que o homem se aproximaria mais de Deus, seguindo seus preceitos do que os de qualquer outro livro." (**History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints,** 4:461).

O Livro de Mórmon foi escrito para nós, hoje em dia. Deus é o seu autor. É o registro de um povo decaído, compilado por homens inspirados, para o nosso benefício nos tempos de hoje. Aquele povo jamais dispôs do livro — ele foi escrito para nós. Mórmon, o antigo profeta que deu seu nome ao livro, resumiu registros de séculos e séculos. Deus, que tudo discerne, instruiu-o a respeito do que devia incluir em seu resumo que necessitaríamos em nossos tempos. Mórmon passou os anais para seu filho Morôni, o último registrador; e Morôni, falando há mais de mil e quinhentos anos, mas dirigindo-se a nós, declara: "E eis que vos falo como se estivésseis presentes, e entretanto, não estais. Mas por Jesus Cristo me fostes mostrados e conheço vossas obras." (Mórmon, 8:35)

O propósito do Livro de Mórmon é declarado na página de rosto. Destina-se a "convencer ao judeu e ao gentio de que JESUS é o CRISTO, o DEUS ETERNO".

Néfi, o primeiro autor-profeta do Livro de Mórmon, afirma: "Porque tudo o que desejo é que eu consiga persuadir os homens a virem ter com o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, para que sejam salvos.

"Não escrevo, portanto, as coisas que agradam ao mundo, mas as coisas que agradam ao Senhor e aos que não são do mundo.

"Ordenarei, portanto, à minha semente que não escreva nestas placas o que não seja de real valor para os filhos dos homens." (1 Néfi 6:4-6)

O Livro de Mórmon leva os homens a Cristo através de dois meios fundamentais. Primeiro, fala de maneira clara sobre Cristo e seu Evangelho. Testifica de sua divindade e da importância de um Redentor e de nós confiarmos nele. Presta testemunho da Queda e da Expiação e dos primeiros princípios do Evangelho, inclusive da necessidade de termos um coração quebrantado e um espírito contrito, e de um renascimento espiritual. Proclama que temos que perseverar na justiça até o fim e levar a vida moral de um santo.

Segundo, o Livro de Mórmon desmascara os inimigos de Cristo. Confunde as falsas doutrinas e apazigua contendas. (Vide 2 Néfi 3:12). Fortalece os humildes seguidores de Cristo contra os funestos desígnios, estratégias e doutrinas do demônio na época atual. O tipo de apóstatas descrito no Livro de Mórmon é semelhante aos que temos hoje. Deus, em sua infinita presciência, moldou o Livro de Mórmon de tal forma, que pudéssemos ver o erro e saber como combater os falsos conceitos educacionais, políticos, religiosos e filosóficos de hoje.



Agora, Deus espera que utilizemos o Livro de Mórmon de várias maneiras. Devemos lê-lo com todo cuidado e piedade e, enquanto assim fizermos, ponderaremos se ele é de fato a obra de Deus ou de um rapaz iletrado. E depois de havermos terminado de ler as coisas desse livro, somos exortados por Morôni a pô-las à prova:

"E quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo." (Morôni 10:4) Eu fiz o que Morôni manda e posso testificar-vos de que esse livro é de Deus e isto é a mais pura verdade.

Devemos usar o Livro de Mórmon como base de nossos ensinamentos. Na seção quarenta e dois de Doutrina & Convênios, diz o Senhor: "E novamente, os élderes, sacerdotes e mestres desta igreja deverão ensinar os princípios do meu Evangelho que estão... no Livro de Mórmon... (nos) quais se acha a plenitude do Evangelho." (D&C 42:12)

Ao lermos e ensinarmos, devemos aplicar as Escrituras do Livro de Mórmon às nossas condições, "para nossa utilidade e instrução" (1 Néfi 19:23)

Devemos usar o Livro de Mórmon para rebater objeções à Igreja. Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, mostraram-se a Joseph Smith numa visão maravilhosa. Após esse glorioso evento, Joseph Smith falou sobre o mesmo com um ministro. Surpreendeu-se ao ouvir o ministro afirmar que não havia tal coisa como visão ou revelação em nossos dias, que tudo isso havia cessado. (Joseph Smith 2:21)

Tal observação simboliza praticamente todas as objeções já assacadas contra a Igreja por não-membros e membros dissidentes igualmente. Isto é, eles não crêem que Deus revela sua vontade à Igreja hoje em dia através de profetas seus. Todas as objeções, sejam elas quanto ao aborto, casamento plural, culto sabatista etc., giram basicamente em torno do fato de se Joseph Smith e seus sucessores foram e são profetas de Deus que recebem revelação divina. Eis, então, a maneira de enfrentar a maioria das objeções por meio do Livro de Mórmon.

Primeiro, entender a objeção.

Segundo, responder por meio da revelação.

Terceiro, mostrar como a correção da resposta depende realmente do fato de se dispomos ou não de revelação moderna através de profetas modernos.

Quarto, explicar que a questão de termos ou não profetas e revelações modernas, realmente depende da veracidade do Livro de Mórmon.

Portanto, o único problema que o objetor tem que resolver por si mesmo é quanto à autenticidade do Livro de Mórmon. Pois se este é verdadeiro, então Jesus é o Cristo, e Joseph Smith seu profeta; a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é verdadeira e guiada hoje em dia por um profeta que recebe revelações.

Nossa tarefa primordial é proclamar o Evangelho e fazê-lo eficazmente. Não somos obrigados a responder a toda e qualquer objeção. Chega o momento em que todo homem se vê acuado contra a parede da fé e ali terá de decidir-se. "E julgai se elas não são as palavras de Cristo, porque, no último dia, Cristo vos mostrará, com poder e grande glória, que são suas palavras, e vós e eu estaremos face a face ante o seu tribunal e sabereis que ele me mandou escrever estas palavras..." (3 Néfi 33:11) Todo homem tem que julgar por si mesmo, sabendo que será responsabilizado por Deus.

O Livro de Mórmon deve ser usado "como padrão para o meu povo, que é da casa de Israel", diz o Senhor, e suas palavras "silvarão até as extremidades da terra". (2 Néfi 29:2). Nós, membros da Igreja, e particularmente os missionários, temos que ser os "silvadores" ou seja, os proclamadores e testificadores do Livro de Mórmon até os confins da terra.

O Livro de Mórmon é o grande padrão para nosso uso. Ele mostra que Joseph Smith foi um profeta. Contém as palavras de Cristo, e sua grande missão é trazer os homens a Cristo — todo o resto é secundário. A pergunta de ouro do Livro

de Mórmon é: Queres aprender mais sobre Cristo? O Livro de Mórmon é o grande instrumento para o contato de ouro. Ele não contém "as coisas que agradam ao mundo" (1 Néfi 6:5), e por isso os mundanos não se interessam por ele. Ele é a grande peneira.

Toda pessoa que buscou diligentemente conhecer as doutrinas e ensinamentos do Livro de Mórmon e tem-no usado conscienciosamente no trabalho missionário, sabe intimamente que ele é o instrumento dado por Deus aos missionários para convencer judeus, gentios e lamanitas da veracidade da nossa mensagem.

Pois bem, nós não temos usado o Livro de Mórmon como deveríamos. Nosso lar não é tão forte quanto deveria, até que o empreguemos para levar nossos filhos a Cristo. Nossa família poderá ser corrompida pelas tendências e ensinamentos profanos, a menos que saibamos usar esse livro para desmascarar e combater as falsidades existentes no socialismo, na evolução orgânica, no racionalismo, humanismo etc. Nossos missionários não serão tão eficiente como poderiam ser, a menos que estejam "silvando" com ele. Os conversos sociais, éticos, culturais ou educacionais não sobreviverão ao calor do dia, a menos que suas raízes alcancem a profundeza da plenitude do Evangelho contida no Livro de Mórmon. Em nossas classes de religião, não reinará tanto espírito quanto deveria, se não o tivermos por paradigma. E nossa nação continuará a degenerar, a menos que leiamos e sigamos as palavras do Deus desta terra, Jesus Cristo, e cessemos de promover e favorecer as combinações secretas que, conforme nos conta o Livro de Mórmon, provocaram a ruína das duas civilizações americanas anteriores à nossa.

Na seção oitenta e quatro de Doutrina & Convênios, alguns dos primeiros missionários foram reprovados quando voltaram para casa, pelo fato de terem tratado o Livro de Mórmon levianamente, fazendo com que suas mentes fossem obscurecidas. O Senhor disse que tal tratamento do Livro de Mórmon implicaria a condenação de toda a Igreja mesmo todos os filhos de Sião. E depois, disse o Senhor: "E eles permanecerão sob essa condenação até que se arrependam e se lembrem do novo convênio, mesmo o Livro de Mórmon." (D&C 84: 54-57) Estaremos ainda sob essa condenação?

A leitura do Livro de Mórmon é um dos maiores instrumentos persuasórios para que alguém saia em missão. Precisamos de mais missionários. Porém, precisamos igualmente de missionários melhor preparados, originários de alas, ramos e lares nos quais se conhece e ama o Livro de Mórmon. Estamos às portas de um grande desafio e um dia de preparação para missionários que busquem e ensinem como o Livro de Mórmon. Precisamos de missionários à altura da nossa mensagem.

E haverá importantes conseqüências quanto à nossa reação ao Livro de Mórmon. "... os que o receberem", diz o Senhor, "em fé, e agirem em justiça, receberão a coroa da vida eterna";

,Mas os que endurecerem seus corações na incredulidade e o rejeitarem, isso reverterá em sua própria condenação —

"Pois o Senhor Deus o disse..." (D&C 20:14-16)

O Livro de Mórmon é verdadeiro? É.

Ele é para quem? Para nós.

Qual o seu propósito? Levar homens a Cristo.

Como consegue isto? Prestando testemunho de Cristo e revelando seus inimigos.

Como devemos usá-lo? Temos que obter um testemunho dele, ensinar por ele, sustentá-lo como padrão e "silvá-lo".

Será que o estamos fazendo? Não como deveríamos, não como precisamos.

Haverá conseqüências eternas ligadas à nossa reação a ele? Sim, tanto para nossa bênção como para nossa condenação.

Todo santo dos últimos dias deve estudá-lo continuamente, durante toda a vida. Do contrário, estará arriscando sua alma e negligenciando o que pode proporcionar unidade espiritual e intelectual à sua vida inteira. Existe diferença entre o converso fundamentado na rocha de Cristo através do Livro de Mórmon e que se apega à barra de ferro, e outro que não o faz.

Há mais de um quarto de século, ouvi estas palavras aqui no Tabernáculo: "Poucos anos atrás, quando comecei a praticar Direito, alguns familiares meus ficaram um pouco descontentes. Temiam que eu perdesse minha fé. Eu queria seguir essa profissão, porém desejava ainda mais conservar meu testemunho, e assim me decidi por um hábito que recomendo a todos. Todas as manhãs, antes de iniciar o trabalho, dedicava trinta minutos à leitura do Livro de Mórmon... e nesses poucos minutos diários, eu consegui ler o Livro de Mórmon de capa a capa, uma vez por ano, durante nove anos seguidos. Sei que ele me conservou em sintonia, na medida em que eu me mantive em harmonia, com o Espírito do Senhor." (**Conference Report**, abril de 1949, p. 36). Não conheço outra coisa melhor para manter-nos achegados ao Espírito do Senhor. Quem falou foi o Presidente Marion G. Romney, e eu aplaudo seu conselho.

O que, então, dizer do Livro de Mórmon? Eu vos testifico que ele é verdadeiro. Sei disso tanto quan-

to sei que estou vivo. Concordamos com o Profeta Joseph Smith, quando diz: "Eu disse aos irmãos que o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros na terra e a pedra angular de nossa religião; e que, seguindo seus preceitos, o homem chega mais perto de Deus do que por meio de qualquer outro livro." (**History of the Church,** 4:461).

Que possamos conhecer e usar a pedra angular, e chegar mais perto de Deus, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

As Raízes do Mormonismo

Élder Hartman Rector Jr.
do Primeiro Conselho dos Setenta



Vivemos num mundo em que quase ninguém tem certeza de coisa alguma. O homem parece deleitar-se pulando de uma para outra teoria; o que foi tido e proclamado ser a esperança do mundo ainda ontem, hoje revela-se sua perdição. A droga milagrosa usada para eliminarmos desconfortos da gravidez, acabou causando deformações na criança. A "guerra para acabar com as guerras" apenas gerou o próximo conflito. O homem parece buscar respostas eternamente em **novos programas.** Mas, obviamente, a resposta não está num novo programa. Estamos sempre procurando poções secretas para prolongar a vida, conservar a juventude, eliminar a fadiga, acabar com o sofrimento e abolir o trabalho.

Naturalmente, se entendêssemos a verdade, veríamos que as coisas das quais procuramos livrar-nos são justamente as que devemos ter — o sofrimento é essencial. "Aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu." (Hebr. 5:8); e como é bom cansar-se o bastante para poder dormir profundamente. A glória do trabalho não pode ser suficientemente acentuada. A satisfação de terminar com sucesso ou realizar uma tarefa difícil é uma das maiores alegrias que conhecemos nesta vida. A realização da idade avançada, voltando os olhos para uma vida cheia, a serenidade da compreensão adquirida pela longa experiência, tornam a velhice uma época da vida gloriosa, feliz.

Sim, nossa sociedade vive pulando de fantasia para fantasia, perseguindo a felicidade, buscando esperanças vãs, pondo sua fé em algum novo programa. Porém, não existem programas mágicos, não importa de onde venham.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias vem obtendo notoriedade de muitas partes. Artigos como "Utah's Shining Oasis" ("O Esplêndido Oasis de Utah." N. do T.) do **National Geographic Magazine,** de abril do corrente ano, pp. 440-73, e "When the Saints Go Singing In" (Quando os Santos Entram Cantando" N. do T.) do **Readar's Digest** (abril 1975, pp. 45-50) fazem a Igreja parecer **quase** tão boa quanto realmente é. Além disso, como mais sincera lisonja, vemos outras igrejas copiando nossos programas. O da reunião familiar chega a ser imitado a ponto de usarem até mesmo o livro. Parecem achar que conseguirão os mesmos resultados, se usarem o mesmo programa, porém não é assim. A vitalidade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não decorre de seus programas, mas está em suas doutrinas.

Tenho um bom amigo que serviu como ministro congregacional por mais de vinte e seis anos. Certa ocasião, tinha uma das maiores igrejas, em Long Island, Nova York. Ele travou conhecimento com o mormonismo, visitando a Cidade do Lago Salgado e recebendo a visita de missionários SUD em sua casa. Acabou tendo grande admiração pelos programas da Igreja, principalmente **por causa** dos frutos que os via produzir. Então lhe ocorreu empregar esses programas na sua igreja, o que realmente tentou. Mas teve que admitir que não funcionavam. Eis o que me disse:

"Foi como que um choque descobrir que a genialidade do mormonismo reside em sua teologia e não na metodologia, e que a assombrosa vitalidade da Igreja se devia ao comprometimento de seus membros com o Evangelho Restaurado de Jesus Cristo, recebido por revelação. Tornou-se-me óbvio que **não se pode ter os frutos do mormonismo sem suas raízes."** (John F. Heidenreich, "It May Change Your Life.")

Estou certo de que outros que hoje tentam a mesma coisa, acabarão finalmente chegando à idêntica conclusão. O programa da reunião familiar, os programas de atividades para a juventude, dos jovens-adultos, de construção, do bem-estar e da Sociedade de Socorro não produzirão frutos para outros. Eles não funcionarão em outras igrejas. A mágica não está no programa; está na teologia. Podemos ajudá-los a instituir os programas, porém não podemos garantir-lhes sucesso.

A correta compreensão e testemunho de nosso relacionamento

com Deus é a base do sucesso dos programas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Tais programas são inspirados pelo Senhor, porém somente aqueles que sabem de onde vieram, por que estão aqui e para onde vão depois desta vida mortal, — aqueles que têm um testemunho. Em outras palavras, os que sabem que Deus é nosso Pai, sabem que somos filhos gerados eternamente à sua imagem, e sabem também que, por ser ele nosso Pai, não só o chamamos assim, mas esperamos que nos ajude a nos tornarmos como ele é, por reconhecer que os filhos se tornam semelhantes aos pais.

Aqueles que têm um testemunho, sabem que o Filho, Jesus Cristo, é nosso irmão maior e é um deus; todavia, não é o próprio Pai, mas um filho do Pai, e o Salvador e Redentor de toda a humanidade; o Mediador entre Deus e o homem. Nisto não há nenhuma forma de magia, confusão ou mistério.

Aqueles que têm um testemunho, sabem que Deus nosso Pai não nos deixa sem orientação na terra hoje, mas deu-nos um profeta vivo, para que nos revele o pensamento do Senhor, a palavra do Senhor e a vontade do Senhor para seus filhos agora.

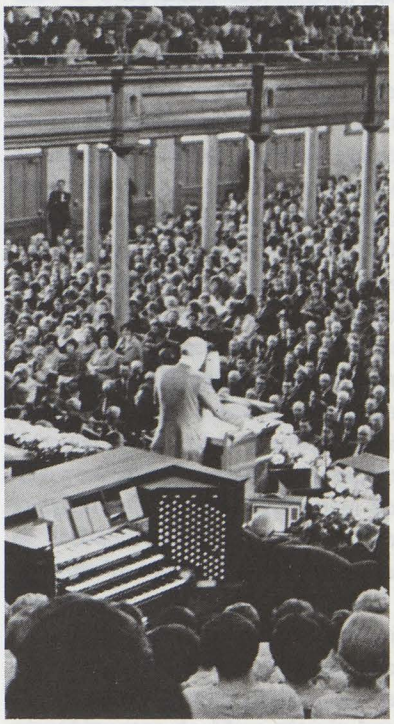
Aqueles que têm um testemunho, sabem ser desejo do Pai "que todo homem fale em nome de Deus, o Senhor, o Salvador do mundo." (D&C 1:20) Portanto, mais uma vez ele deu autoridade ao homem na terra para agir em seu nome, e em virtude dessa autoridade ou Sacerdócio, o homem está autorizado a batizar, a impor as mãos para o dom do Espírito Santo, para curar enfermos, expulsar demônios, falar novas línguas e, de um modo geral, mostrar os sinais que sempre seguirão os que crerem, conforme disse Jesus. (Vide Marcos 16:17-18)

Além disso, eles sabem que, por essa mesma autoridade ou Sacerdócio, são casados o homem e a mulher — não só até que a morte os separe, mas para toda a eternidade, pois tudo o que for ligado na terra, estará ligado nos céus. (Vide Mateus 16:19) Quando um homem, mulher ou criança não apenas crêem nestas verdades, mas têm-nas indelevelmente gravadas no coração pelo Espírito Santo, então os programas instituídos pelo Senhor na terra para permitir que seus filhos cresçam em luz, conhecimento e experiência, tornam-se uma parte atuante, vital, do caminho para a imortalidade e vida eterna.

Esses programas não funcionam sozinhos. São postos em função por pessoas, e cada um deles requer sacrifícios, conforme o Élder Mc Conkie acabou de explicar tão eloqüentemente. Parece que temos sempre que fazer aquilo que talvez não nos agrade particularmente, a fim de realizar os propósitos de Deus entre seus filhos na terra. O verdadeiro segredo do sucesso do programa do Senhor aqui na terra, em qualquer outro lugar quanto a isso, é o sacrifício.

"(É) através de... sacrifício, e somente isto", diz o Profeta Joseph Smith, "que Deus ordenou que o homem goze a vida eterna; e é por meio do sacrifício de todas as coisas terrenas, que os homens realmente sabem estar fazendo as coisas agradáveis à vista de Deus...

"Pois para o homem sacrificar tudo, seu caráter e reputação, sua honra e aplauso, seu bom nome entre os homens, sua casa, suas terras, seus irmãos e irmãs, sua esposa e filhos, e ainda a própria vida — considerando todas as coisas como sujeira e rebotalho comparadas à excelência do conhecimento de Jesus Cristo — isto requer mais que mera crença ou suposição de estar fazendo a vontade de Deus; mas, sim, conhecimento de fato, compreendendo que, quando esses sofrimentos terminarem, entrará no repouso eterno e será participante da glória de Deus." (**Lectures on Faith**, p. 58)



A teologia da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não admite passividade. Se for real o que afirma Joseph Smith, que Deus, o Pai, e o Filho lhe apareceram, e de fato falaram com ele e lhe deram mandamentos para toda a humanidade; se um mensageiro celeste, Morôni (um anjo do Senhor) de fato o visitou e entregou-lhe um registro antigo gravado em placas de ouro contendo a plenitude do Evangelho, conforme foi entregue pelo próprio Cristo aos antigos habitantes da América do Norte e do Sul; se João Batista retornou no dia 15 de maio de 1829, a fim de restaurar a autoridade para realizar batismos aceitáveis a Deus; se Pedro, Tiago e João realmente voltaram para restaurar o Sacerdócio de Melquisedeque com autoridade para realizar todas as ordenanças e ligar na terra, e conseqüentemente também nos céus, da mesma forma como se houvesse

sido feito pessoalmente por Jesus; repito, se estas coisas são verdade, então todo mundo precisa conhecê-las, pois foram feitas para o bem de **todos** os filhos de Deus.

Muitos dos três milhões e meio de santos dos últimos dias prestam testemunho de que sabem que isto é verdade, e por sabê-lo, levam uma vida em harmonia com as diretrizes dadas pelo profeta vivo de Deus. Quando ele aconselha que façam reunião familiar, aproximadamente quinhentas mil famílias SUD reúnem os filhos todas as semanas para falar-lhes acerca da bondade do Senhor para com eles, de seu amor por ele, pelos semelhantes e de um pelo outro. Procuram viver de modo que mereçam as bênçãos de um Pai Celestial bondoso e amante para si mesmos e os seus.

O dízimo tem sido uma parte integrante do programa do Senhor desde os dias de Abraão, e mesmo antes. Por isso, as Escrituras bíblicas contêm abundante evidência deste princípio eterno. E assim, todas as igrejas que aceitam a Bíblia como seu registro sagrado, deveriam cumprir esse princípio; porém, nenhuma sequer se aproxima do que é norma na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Por que será que mais de dezenove mil de nossos rapazes e moças aceitam o chamado para, deixando o lar, a família, a escola e amigos, irem a outros países, às vezes sob condições bastante hostis? Certamente não em troca de compensação monetária (eles pagam suas próprias despesas), nem para conseguir posições, poder ou aclamação mundana, mas somente para compartilharem a verdadeira mensagem da restauração — as raízes do mormonismo — com os filhos de nosso Pai Celestial. Eu pergunto, por que fazem isto? Porque sabem possuir a resposta para todos os problemas do mundo, **particularmente para a desumanidade entre os homens.**

É o Evangelho, as boas novas de que Jesus vive e voltou a falar dos céus. Ele veio mais uma vez para estabelecer sua igreja em toda a plenitude, mesmo como Pedro profetizou, quando disse:

"Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados; e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor.



"E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado.

"O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:19-21)

Não, o poder ou vitalidade não está nos programas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Está na teologia. Não podeis ter os frutos do mormonismo sem suas raízes, e a raiz é um testemunho — a certeza testificada pelo Espírito ao nosso coração. Não é o programa, mas o **povo** com um certo conhecimento de Deus e de seu relacionamento com ele ardendo no coração, que é responsável pelo sucesso nas atividades do reino. **Esta é a força e vitalidade do mormonismo.**

Sou uma testemunha de que essas coisas são verdadeiras. Eu sei que são verdade. Sei que Deus é nosso Pai, que ele vive, e que ouve e responde às nossas preces. Sei e vos testifico que Jesus é o Cristo, e que ele vive, que esta é a verdadeira igreja dele, pois foi ele quem a restabeleceu na terra em nossos dias e época através de seu grande profeta, Joseph Smith, um homem maravilhoso, e que hoje temos um profeta de Deus na terra.

Sim, Spencer W. Kimball é um profeta do Deus vivo, e toma as decisões na igreja e no reino de Deus, e transmite o pensamento e a vontade do Senhor exatamente como fez nesta conferência.

Testifico que, ao seguirmos o profeta, seremos imensamente abençoados, e os programas da Igreja funcionarão, pois farão o povo entender sua responsabilidade para com seu Pai Celestial bem como com seus semelhantes, e terão prazer em cumprir seus encargos. Esta é a Igreja de Jesus Cristo, guiada por ele. Presto testemunho disso em nome de Jesus Cristo. Amém.

Cristo na América



Presidente N. Eldon Tanner

Primeiro Conselheiro na
Primeira Presidência

Tendo voltado tão recentemente dos grandes países da América do Sul, onde pude participar do espírito e fé dos dedicados e zelosos santos de lá, e perceber que me achava em terras do Livro de Mórmon, sinto-me impelido a falar sobre este livro que contém a história dos primitivos habitantes dos continentes americanos.

Ao participar dos inspiradores eventos das conferências de área em São Paulo, Brasil, e Buenos Aires, Argentina, e conviver com aqueles maravilhosos irmãos, sentime emocionado por sua fé singela e seu grande desejo de servir ao Senhor e edificar o reino dele aqui na terra.

Foi tocante sentir o amor dos irmãos, quando o Presidente Kimball, nosso profeta, chegou lá, e ver suas lágrimas de alegria quando andou entre eles para abençoar e aconselhá-los. Observei então quão maravilhosa deve ter sido a experiência celestial do antigo povo nefita, quando teve o privilégio de receber no hemisfério ocidental uma visita do próprio Senhor ressurreto, que veio ver suas outras ovelhas, a fim de que elas também pudessem ser levadas ao seu aprisco e ter uma organização para pregar e praticar seu Evangelho.

É sobre essa parte do Livro de Mórmon, conhecida como 3 Néfi, que eu gostaria de falar-vos hoje. Antes, porém, gostaria de recapitular algumas predições da Bíblia, atestando a autenticidade e aparecimento do Livro de Mórmon.

Citando Ezequiel, do Velho Testamento: "Tu, pois, ó filho do homem, toma um pedaço de madeira, e escreve nele: Por Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros. E toma outro pedaço de madeira, e escreve nele: Por José, vara de Efraim, e por toda a casa de Israel, seus companheiros.

"E ajunta um ao outro, para que se unam, e se tornem um só na tua mão." (Eze. 37:16-17)

Pelo conteúdo deles, sabemos que essas palavras se referem à Bíblia e ao Livro de Mórmon. Quando entendemos como o Livro de Mórmon apareceu — que um anjo realmente desceu e entregou a Joseph Smith os anais dos quais foi traduzido — fica claro o sentido das palavras de João, o Revelador, quando disse: "E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o Evangelho eterno para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda nação, e tribo, e língua, e povo.

"Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque vinda é a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas." (Apoc. 14:6-7)

Muitas Escrituras asseguram-nos que Deus está tão interessado em nós, hoje em dia, como esteve por todos os seus filhos desde o princípio, e por isso cremos na revelação contínua de Deus através de seus profetas para nos guiar nestes últimos dias. Dizia o Profeta Amós: "Certamente o Senhor Jeová não fará cousa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." (Amós 3:7)

Segundo João, o Salvador disse o seguinte: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor." (João 10:16)

Assim fica claro por que o Salvador, após sua crucificação e ressurreição, veio ao hemisfério ocidental em meio a sinais e maravilhas que haviam sido preditos, para que esse povo tivesse as mesmas vantagens e oportunidades de aprender e viver seu Evangelho como aqueles entre os quais viveu na mortalidade.

Presumo que, em nenhuma outra parte das Escrituras tenhamos um registro mais belo ou detalhado dos entendimentos de Deus com o homem, como no relato dessa visita registrado em 3 Néfi, cuja leitura recomendo a todos. Nele certamente não encontramos nada além de algumas advertências e belos ensinamentos, que, se aceitos e obedecidos, contribuirão mais do que outra coisa qualquer para trazer paz e felicidade ao mundo e ao indivíduo que busca tal maneira de viver. Ali encontramos explicação para muitas questões não respondidas pela Bíblia.

O livro 3 Néfi fornece-nos informes adicionais mais detalhados que os quatro Evangelhos do Novo Testamento, e preserva as doutrinas, os ensinamentos e a compaixão do Senhor. Por este motivo, muitos se referem a 3 Néfi como o "quinto Evangelho".

Nossa história começa com um relato das profecias existentes, predizendo o nascimento de Cristo. Contudo, como vem acontecendo desde o princípio e ainda acontece

hoje, havia muitos que zombavam e diziam que já ia longe o tempo para o cumprimento das palavras dos profetas. Chegaram ao ponto de marcar uma data fatal em que os crentes seriam sacrificados, a menos que os sinais se cumprissem.

É-nos dito que Néfi "clamou fortemente ao Senhor" (3 Néfi 1:12), após o que este veio e disse-lhe que era chegado o tempo para o cumprimento de tudo o que fora anunciado por seus santos profetas. Todos os sinais apareceram, surgiu no firmamento a nova estrela, e os descrentes "caíram por terra e permaneceram como se estivessem mortos". (3 Néfi 1:16). Aqui está uma das primeiras lições para nós. As palavras dos profetas de Deus nunca deixam de ser cumpridas.

Mas logo os sinais e prodígios foram sendo esquecidos, e o povo tornou-se cada vez mais iníquo. Lemos a respeito de guerras, dos salteadores de Gadianton e de terras devastadas. Mas os nefitas que se lembraram de clamar ao Senhor em retidão, foram capazes de subjugar seus inimigos, e louvaram ao Senhor quando foram libertados.

Vemos que "renegaram todos os seus pecados, suas abominações e libertinagens, servindo a Deus com toda diligência, dia e noite". (3 Néfi 5:3) E assim começaram a prosperar. "E aconteceu que foram construídas muitas cidades novas e reparadas muitas das antigas. E abriram-se muitas vias e caminhos, ligando uma cidade a outra, uma terra a outra e um lugar a outro". (Néfi 6:7-8).

Eis aqui a evidência de civilizações primitivas nessas áreas, conforme está registrado no Livro de Mórmon, traduzido pelo dom e poder de Deus por um jovem iletrado, que descreve vívida e detalhadamente muitas coisas que a ciência agora está comprovando. Sim, é de fato um registro autêntico, preservado pela mão de Deus, a fim de reaparecer nestes últimos dias.

Voltando à nossa história, vemos que conforme é tão comum no mundo de hoje, quando o povo prosperou, começaram a surgir disputas entre eles por causa do orgulho, e alguns se rebelaram deliberadamente contra Deus. Ao fim de somente seis anos, a maior parte do povo havia recaído na iniqüidade, e Néfi voltou a pregar arrependimento com todo vigor.

Esta é a missão dos profetas de Deus: pregar o arrependimento. E embora não contribua para sua popularidade, eles têm de fazê-lo. Conta o relato que o povo se irritou com Néfi; ele, porém, continuou exercendo seu ministério com grande poder e autoridade. "Tão grande era sua fé no Senhor Jesus Cristo, que os anjos o atendiam diariamente.

"E em nome de Jesus, expulsava demônios e espíritos imundos; e chegou até a fazer com que se levantasse um seu irmão, depois de ter este sido apedrejado e morto pelo povo." (3 Néfi 7:18-19).

Então, mais uma vez, conforme o predito pelos profetas, mostraram-se os sinais da crucificação de Cristo — tempestades e terremotos, trevas, trovões e fogo. Cidades inteiras foram tragadas pelas profundezas do mar, surgiram montanhas, e modificou-se toda a face da terra. Isto se prolongou por três dias, e o povo se lamentava, dizendo: "Oh! Se nos tivéssemos arrependido antes deste grande e terrível dia, nossos irmãos teriam sido poupados e não teriam sido queimados naquela grande cidade de Zarahemla.

"E, em outro lugar, ouviam queixas e lamentos, dizendo: Oxalá nos tivéssemos arrependido antes deste grande e terrível dia! Oxalá não tivéssemos apedrejado, matado e expulsado os profetas! Então nossas mães, nossas belas filhas e nossos filhos teriam escapado e não teriam sido enterrados naquela grande cidade de Moroniah. E dessa forma, grande e terríveis eram os gemidos do povo." (3 Néfi 8:24-25).

Aqui está outra lição óbvia. Por toda a história eclesiástica, vemos que aqueles que rejeitaram os profetas e deixaram de arrepender-se de suas maldades, foram atingidos por calamidades que os fizeram literalmente chorar e lamentar-se, lastimando sua recusa em escutar as admoestações dos profetas. Sabemos que Cristo foi crucificado, e alguns de seus apóstolos perseguidos e apedrejados, simplesmente por tentarem estabelecer o reino de Deus e levar o povo ao arrependimento e a uma vida mais feliz.

Hoje o mundo também rejeita as mensagens dos profetas de Deus. Acaso não é verdade que há choro e lamentos sobre a face da terra, porque os homens estão em guerra entre si? Não temos entre nós muitos que lastimam os descaminhos de seus jovens e as trágicas conseqüências, por se afastarem da retidão e se meterem com bebidas, fumo, drogas e outras coisas proibidas? Quantos enlutados temos entre nós como resultado do desrespeito às leis existentes em nossas comunidades? Para não sermos destruídos como certas civilizações antigas, é preciso que atentemos para as lições do passado.

Esta foi a mensagem trazida por Cristo ao primitivo povo nefita, quando sua voz se fez ouvir "entre todos os habitantes da terra, em toda a face do território." (3 Néfi 9:1). Recordando-lhes sua iniqüidade e abominações, e as cidades destruídas por causa da maldade de seus habitantes, em seguida dis-

se: "Ó, vós, que fostes conservados porque sois mais justos do que os outros, não volvereis a mim, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos, para que eu vos cure?

"Sim, em verdade vos digo que, se vierdes a mim, tereis vida eterna. Eis que meu braço misericordioso se estende até vós; e a todos os que vierem, eu os receberei; e benditos são os que vêm a mim." (3 Néfi 9:13-14).

Esse mesmo convite é feito aos homens de hoje através dos profetas que falam em nome do Senhor. É o mesmo Evangelho que ele pregou em Jerusalém e que ensinou ao organizar a sua igreja, para benefício e bênção dos primitivos americanos.

Depois de ouvirem sua voz, uma grande multidão do povo de Néfi juntou-se perto do templo e conversava sobre esse Jesus Cristo e as coisas que haviam ouvido. E novamente ouviram uma voz que dizia: "Eis aqui meu Filho bem amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome — a ele deveis ouvir." (3 Néfi 11:7).

E, erguendo os olhos aos céus, viram um homem que descia, vestido numa túnica branca, que julgaram ser um anjo até ele falar, dizendo: "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas.

"E eis que sou a luz e a vida do mundo." (3 Néfi 11:10-11).

A multidão inteira caiu por terra, e enquanto estavam nessa atitude de reverência e humildade, foram abençoados e instruídos pelo Salvador. Como primeira coisa, comissionou Néfi para batizar, dizendo: Dou-te o poder para batizar este povo, quando eu tiver novamente subido ao céu." (3 Néfi 11:21).

Chamou ainda outros doze homens, dando-lhes o mesmo poder, estabelecendo, assim, que é necessário possuir autoridade para agir em nome do Senhor. Determinou os termos que deveriam usar e instruiu-os a batizar por imersão, quando ministrassem a ordenança do batismo. Esta é a mesma forma de batismo praticada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Deixou claro que não devia haver disputas entre eles quanto a pontos doutrinários que ia expor, os quais, disse ele, eram a doutrina que havia recebido do Pai. Ordenou aos doze que saíssem e proclamassem suas palavras até os extremos da terra.

Fez-lhes o Sermão da Montanha praticamente idêntico ao que encontramos registrado em Mateus. Deu-lhes a Regra de Ouro e instruiu-os a respeito do casamento, luxúria e fornicação. Ensinou-lhes como jejuar e orar, e deu-lhes o grande exemplo que conhecemos como o Pai Nosso. Disse que não podiam servir a Deus e a Mamon, devendo primeiro buscar o reino de Deus e sua justiça.

Deu-lhes muitas parábolas e os ensinou em todas as coisas referentes à salvação e exaltação. Deu instruções especiais aos doze por ele escolhidos, dizendo: "Vós sois meus discípulos; e sois uma luz para este povo, que é um remanescente da casa de José.

"E eis que esta é a terra de vossa herança; e o Pai vo-la deu." (3 Néfi 15:12-13).

Ordenou aos nefitas que escrevessem o que havia falado, para que, se o povo de Jerusalém não tomasse conhecimento da existência dos nefitas e outras tribos por meio do Espírito Santo, viessem a saber deles através desses escritos, que serviriam para ensinar o Evangelho à casa de Israel.

Percebendo que eles não entendiam todas as suas palavras, Jesus mandou que voltassem para casa e meditassem sobre o que dissera; porém, ao ver suas lágrimas e o desejo de que se demorasse um pouco mais, ele teve compaixão e mandou que lhe trouxessem os enfermos, coxos, cegos, aflitos, e os curou. Mandou também que lhe trouxessem as criancinhas, e estando no meio delas, ordenou à multidão que se ajoelhasse.

"E após haver dito estas palavras, ajoelhou-se também por terra; e eis que orou ao Pai, sendo que as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas; e os da multidão, que o ouviram, deram testemunho.

"E desta forma testemunharam: Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram até agora coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai:

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai." (3 Néfi 17:15-17).

A seguir, tomou as criancinhas, uma a uma, abençoou-as, orou por elas e disse: "Olhai para vossas criancinhas."

"E, ao levantar a vista, dirigiram o olhar ao céu; e viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundaram aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo, e anjos lhes ministraram." (3 Néfi 17:23-24).

Jesus instituiu entre eles o sacramento, administrando-o a seus discípulos e fazendo com que o dessem à multidão. Percebendo o desejo deles, conferiu-lhes o Espírito Santo, obrou milagres, fez promessas, recomendou que estudassem os escritos de Isaías e de to-

dos os profetas em busca dos sinais da sua segunda vinda. Avisou-os dos julgamentos futuros, ensinou-os a respeito do dízimo e do trabalho pelos mortos. Disse-lhes que sua igreja deveria levar o seu nome, e voltou a chamá-los ao arrependimento, dizendo:

"E este é o mandamento: Arrependei-vos, todos vós, extremos da terra; vinde a mim e sede batizados em meu nome, a fim de que sejais santificados pelo recebimento do Espírito Santo, para que possais comparecer sem mancha perante mim, no último dia." (3 Néfi 27:20).

Todos esses ensinamentos deu-os Jesus ao povo nefita, quando lhes apareceu como ser ressurreto. Nós temos hoje os mesmos ensinamentos na sua igreja, e oro para que os aceitemos e vivamos; que aceitemos Deus como nosso Pai, e seu Filho, Jesus Cristo, como Salvador do mundo; que aceitemos e sigamos o Presidente Spencer W. Kimball como um profeta de Deus; e que possamos gozar as bênçãos prometidas por assim fazermos. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

"Por que me Chamais Senhor, Senhor, e não Fazeis o que eu Digo?"



Presidente Spencer W. Kimball

Na semana passada, celebramos a Páscoa. Feliz Páscoa para todos vós! Lemos nas Escrituras:

"E, no fim do sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana, Maria Madalena, e a outra Maria foram ver o sepulcro;

"E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela.

"E o seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco como a neve.

"E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados, e como mortos.

"Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tenhais medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado.

"Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito. Vinde, vêde o lugar onde o Senhor jazia.

"Ide pois, imediatamente, e dizei aos seus discípulos que já ressuscitou dos mortos. E eis que ele vai adiante de vós para a Galiléia; ali o vereis. Eis que eu vo-lo tenho dito." (Mateus 28:1-7)

"A dobradiça da história está numa porta do estábulo em Belém." (Ralph Sockman). O nome de Jesus Cristo e o que ele representa está profundamente arraigado na história do mundo, para nunca ser arrancado. Cristo nasceu a seis de abril. Sendo um dos filhos de Deus e seu Unigênito, seu nascimento é de suprema importância.

O ministério de Cristo — nada mais no mundo inteiro chega aos pés desses três anos capitais de seu ministério.

Veio a crucificação. Ele tinha que morrer, a fim de abrir as sepulturas de todos os homens, assim como abriu a própria tumba. Sem as profundas trevas da hora da crucificação, não poderia haver o ressurgir da morte. "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (1 Cor. 15:22) É este o motivo de nos regozijarmos hoje. "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (1 Cor. 15:55)

Os onze apóstolos seguiram Cristo até o alto do Monte das Oliveiras, e isto está registrado em nossas Escrituras, quando os dois anjos que lá estavam, disseram:

"Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir." (Atos 1:11)

"Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?" (1 Cor. 15:12)

O propósito desta conferência é que revigoremos nossa fé, fortaleçamos nossos testemunhos e aprendamos os caminhos do Senhor de seus servos devidamente designados e autorizados. Assim, pois, permiti-me a oportunidade de recordarmo-nos um ao outro de nossos convênios, promessas e compromissos.

Todos os membros foram batizados por imersão na água e receberam o Espírito Santo pela imposição das mãos por homens devida-

mente autorizados, portadores do santo Sacerdócio. Todos fomos recebidos, pelo batismo, na Igreja de Jesus Cristo, quando nos humilhamos perante Deus, desejamos ser batizados, saímos com um coração quebrantado e espírito contrito, e testemunhamos diante da Igreja estarmos sinceramente arrependidos de nossos pecados e dispostos a tomar sobre nós o nome de Jesus Cristo, estando decididos a servi-lo até o fim, e assim manifestarmos com nossas obras que recebemos o Espírito de Cristo para a remissão de nossos pecados.

Em companhia de alguns de nossos irmãos (das Autoridades Gerais), acabamos de chegar das conferências de área realizadas em São Paulo, Brasil, e Buenos Aires, Argentina. Naquelas terras sulinas, lembramos ao povo que Sião é toda a América do Norte e do Sul, qual águia de imensas asas estendidas, uma formada pela América do Norte e a outra pela do Sul.

A Igreja ali está progredindo e crescendo. O povo está contente e inspirado; a juventude ri e dança, enquanto segue o caminho para liderar.

A "coligação de Israel" se dá quando povos de países distantes aceitam o Evangelho e permanecem na terra natal. A coligação de Israel para os mexicanos é no México; na Escandinávia, para os habitantes dos países do norte; o lugar de coligação para os alemães é na Alemanha; e dos polinésios, nas ilhas do mar; para os brasileiros, no Brasil; para os argentinos, na Argentina. Externamos nosso apreço ao Senhor pela sua bondade ao dirigirmos as atividades de três milhões e meio de pessoas, que se tornam sempre mais numerosas, mais independentes e mesmo mais fiéis.

Perto de dezenove mil missionários pregam o Evangelho hoje em dia. "O campo está branco, pronto para a ceifa." (D&C 4:4), e os missionários e membros estão fazendo com que muitos conheçam o Evangelho.

Estamos enviando missionários aos quatro cantos da terra e aos confins do mundo, e prevemos o dia em que haveremos de levar a mensagem exaltadora a todos os recantos do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste, e das ilhas do mar. Na verdade, somos agora uma igreja mundial, com perto de setecentas estacas em funcionamento e cerca de sete mil e quinhentas alas e ramos, e cento e cinqüenta missões. Estamo-nos aproximando do ponto em que cobriremos a terra com o Evangelho, como as profundezas estão cobertas por imensos oceanos.

A Igreja está forte. O povo, em geral, é fiel, e feliz. Há pouco, um eminente visitante do Leste perguntou-me: — Por que vocês, mórmons, são um povo tão feliz?

Minha resposta foi: — É porque temos tudo: o Evangelho de Jesus Cristo, a luz, o Sacerdócio, o poder, as promessas, os convênios, os templos, nossas famílias, a verdade.

Dedicamos um templo magnífico em Washington, D. C., e anunciamos a construção de outro em São Paulo, na América do Sul.

Numa outra conferência, chamamos vossa atenção para o fato de o Senhor ter-nos criado esse belo mundo e haver ordenado ao nosso pai Adão que arasse e cultivasse a terra e a tornasse habitável. Tal mandamento continua para nós.

Recomendamos a todos que não provoquem poluição desnecessária, que cuidem da terra e a mantenham limpa, produtiva e bela. Ele nos deu as ervas e coisas boas que provêm da terra, quer sejam para alimento como para vestuário, casas, estábulos, pomares, hortas ou vinhas, cada qual na sua estação, e todas elas destinadas ao benefício e uso do homem, tanto para agradar aos olhos como para alegrar o coração; para alimentar e vestir, para o paladar e o olfato, para fortalecer o corpo e animar a alma. E Deus se agrada de haver dado tudo isso ao homem; pois, para esse fim foram feitas, para serem usadas sensatamente. (Vide D&C 59:16-20)



Preocupamo-nos quando vemos tantos jardins e quintais entregues às ervas daninhas, com valas entulhadas, e lixo e refugos se acumulando. Afligimo-nos, quando vemos cercas quebradas, estábulos caindo aos pedaços, galpões cambaios, sem pintura, portões desconjuntados e propriedades não pintadas. E pedimos mais uma vez à nossa gente que cuide de suas casas e propriedades.

Conta-se que o Presidente Brigham Young, tendo insistido que o povo de certas comunidades cuidasse da conservação e limpeza de suas propriedades, recusou-se a voltar e pregar lá, dizendo algo como: "Não me ouvistes quando vos instei a cuidar de vossas propriedades. As mesmas portas continuam

fora dos gonzos; os mesmos celeiros continuam sem pintura; as mesmas cercas continuam parcialmente caídas."

O excerto a seguir é de uma conhecida revista:

"Praticamente todo quintal oferece o de que todos precisam — um meio para ajudar a diminuir a inflação e ao mesmo tempo aliviar a crise mundial de mantimentos.

"Chama-se 'terra'. E não é preciso muito dela para ajudar bastante.

"Pode ser a área onde as crianças brincavam quando pequenas, e que anda abandonada, um cantinho ensolarado atrás da casa ou garagem, uma faixa de uns três metros ao longo do fundo do terreno, ou o lote vizinho comprado para jogar bola.

"E para diminuir suas despesas de alimentação, basta plantar ali seus próprios legumes e verduras.

"Foi calculado que uma horta de 5m x 7m bem aproveitada, pode produzir o equivalente a mais de dois mil cruzeiros em meio ano. Assim, pois, é possível fazer uma economia considerável."

Estamos contentes que muita gente esteja cultivando hortas, plantando árvores frutíferas e comprando potes para conserva. Os funcionários municipais e muitas outras pessoas aqui estão aproveitando os pedacinhos de terreno disponíveis quase como nos dias das "hortas de vitória" durante a II Guerra Mundial. Congratulamo-nos com as famílias que nos estão escutando e agindo.

Empenhamo-nos conscientemente em cuidar de nossos membros e ensinamos-lhes a prática da poupança, a armazenarem mantimentos de itens básicos suficientes para um ano.

Ensinamos nossa gente a viver as leis de saúde, o que está pagando consideráveis dividendos em termos de vida mais saudável e longa.

Uma pesquisa realizada em certo centro universitário mostra o fato de que "há uma percentagem consideravelmente mais reduzida de câncer pulmonar e do esôfago entre os membros da 'Igreja Mórmon'." Um eminente médico disse que eles são mais saudáveis e sensatos por não fumarem e beberem, pois o câncer do esôfago está intimamente relacionado ao álcool. Disse ainda: "Os habitantes de Utah apresentam vinte e cinco por cento menos mortes por ataques cardíacos do que os norte-americanos em geral, e isto pode estar ligado ao menor consumo de cigarros."

Estamos estarrecidos com as notícias de desonestidade em numerosas comunidades de nosso país; que os prejuízos causados pelos "descuidistas" e outros truques desonestos se elevam a bilhões de dólares somente em nossa pátria.

O Senhor ordenou à posteridade de Adão e gravou-o em placas de pedra: "Não furtarás." (Êxodo 20:15) Todos os pais devem ensinar seus filhos, prevenindo-os contra essa coisa fatal que poderá destruir seu caráter. A honestidade é tanto social como culturalmente certa. Os mentirosos e trapaceiros são ambos desonestos e estranhos à nossa cultura. Todo tipo de desonestidade é sumamente repreensível. "Não furtarás."

Conclamamos todos os três milhões e meio de membros desta igreja a serem honestos, íntegros; a pagar o que compram e levar apenas aquilo que pagaram. Temos que ensinar honestidade e integridade aos nossos filhos.

Desde o princípio, fomos advertidos contra os jogos de azar, sem exceção. Não importa que ganha ou perca, é prejudicial e deteriorante a pessoa conseguir algo por nada, sem esforço algum, sem pagar o preço justo.

Recentemente, a revista **U. S. News and World Report** publicou uma lista dos principais tipos de crime na América com os respectivos custos anuais. As perdas em jogos de azar encabeçavam todos os demais.

O jogo superava em cinco vezes os prejuízos com narcóticos; mais de vinte vezes o custo dos assaltos; quatro vezes as perdas por desfalques, fraudes e falsificações juntas; dez vezes mais que roubos, furtos, arrombamentos e furtos em lojas; vinte e cinco vezes maior que os prejuízos causados por vandalismo e incêndios criminosos, e mais do dobro do custo de manutenção de toda polícia federal, estadual e municipal, além das despesas do nosso sistema penal e cortes judiciais.

E qual foi o custo dos jogos de azar?

Trinta bilhões de dólares por ano.

Ainda assim, alguns estados norte-americanos estão instituindo loterias como meio de aumentarem suas rendas. Certos clubes — até mesmo grupos religiosos — patrocinam jogos de azar.

Imaginai o quanto poderia ser feito, se esse dinheiro fosse aplicado para fins proveitosos! Quanto não ajudariam esses trinta bilhões para alimentar os povos que estão morrendo de inanição.

Sentimo-nos profundamente consternados ao ler na imprensa que o hábito de fumar está aumentando entre as mulheres e adolescentes, e que atualmente as mulheres estão contraindo mais e mais câncer pulmonar. Cerca de 80% de todos os casos de câncer pulmonar ocorrem em fumantes, mas isto é apenas o começo do problema. O cigarro também está ligado ao enfisema pulmonar, enfermidades dos brônquios e cardíacas. São doenças dispendiosas que causam muito sofrimento e apressam a morte.

Em 1833, o Senhor já nos deu, através de sagrada revelação, o que vimos aprendendo mais recentemente por meio da pesquisa: "Bebidas quentes não são para o corpo." Isto é, café e chá preto. "Tabaco não é para o corpo... e não é bom para o homem... vinho ou bebida forte... não é bom, nem aceitável diante do vosso pai..." (Vide D&C 89:5-9).

Quando estas coisas foram reveladas, o Senhor sabia que o hábito de fumar poderia provocar câncer; que o hábito de beber poderia causar numerosos acidentes e enfermidades.

Hoje é um mandamento para todos os membros, e ao vermos alguns deles usando essas coisas proibidas, ficamos imaginando como conseguem conciliar isto com a declaração do Senhor Jesus Cristo, quando diz: "E por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?" (Lucas 6:46) Esperamos sinceramente que os membros da Igreja atentem para esse ponto.

Dois pesquisadores da Universidade de Utah deram-nos a prova: A Igreja tem tradicionalmente uma baixa taxa de mortalidade. Utah, o estado, de cuja população cerca de setenta e dois por cento pertenciam à Igreja em 1971, apresentou a mais baixa taxa de mortalidade entre todas as unidades dos Estados Unidos continental. Havia estados com quase o dobro da nossa taxa.

O levantamento mostra que as mortes provenientes de males cardíacos, hepáticos e câncer, três das dez principais causas de morte na América relacionadas com fumo e bebida, são bem menos freqüentes em Utah que nos Estados Unidos como todo. Assim pois, a taxa de morte dos membros da Igreja está relacionada com a Palavra de Sabedoria.

E assim, perguntamos aos que ignoram essa lei: Por quê? Por quê? O Senhor disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

"Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas?

"E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade." (Mateus 7:21-23)

É um negócio sério — viver os mandamentos do Senhor e, às vezes, assumir a responsabilidade de ignorá-los.

Nos primeiros dias após a Criação, dizia o Senhor a Enoque: "Eis teus irmãos; eles são a obra de minhas próprias mãos, e eu lhes dei sabedoria no dia em que os criei; e no Jardim do Éden dei ao homem o livre arbítrio." (Moisés 7:32) Não temos nenhuma intenção de privar nossos amigos e outras pessoas do mundo de seu arbítrio quanto ao uso dessas coisas proibidas. Porém, cremos que o Senhor, ao dar a Palavra de Sabedoria, estava falando a todos os povos do mundo.

Receamos que jamais na história do mundo tenha havido mais gente curvando-se ao deus da luxúria do que a imagens de madeira, pedra e metal. Essa idolatria, tão intimamente ligada à destruição da mente e do corpo, poderia inundar o mundo. Notamos o grande aumento de divórcios, os quais desaprovamos e lamentamos, pois se é que existem alguns justificados, estes são raríssimos. De um modo geral, o divórcio é fruto do EGOÍSMO de uma das partes, geralmente de ambas. Costuma ser uma coisa feia e geralmente muito destrutiva para os envolvidos, pelo que perdem, pela dor, solidão e frustração, particularmente no que diz respeito às muitas crianças prejudicadas. É muito fácil racionalizar e justificar o divórcio. Os estudos revelam que muito freqüentemente é provocado pelas imoralidades e culto idólatra do deus da luxúria.

Na verdade, torna-se difícil justificar a concessão de duzentos e setenta e dois divórcios no mesmo período em que foram concedidos trezentas e quarenta e uma licenças de casamento numa pequena cidade não muito longe de nós.

Quando os homens e mulheres são abnegados e devotados a seus companheiros, eles estarão mais próximos ao conceito de casamento descrito pelo Senhor, quando disse: "Portanto, o homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á à sua mulher; e eles serão uma só carne." (Moisés 3:24)

Quando os homens forem fiéis aos convênios feitos com sua esposa, sendo leais e abnegados, os divórcios tenderão a diminuir. Paulo ordenou: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela... Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama a si mesmo." Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne." (Efésios 5:25, 28-29)

E quando as mulheres esquecerem sua intolerância e egoísmo, e se submeterem em justiça aos próprios maridos como ao Senhor, e quando são sujeitas ao marido como se espera que a Igreja se sujeite a Cristo, então a taxa de divórcios se reduzirá, as famílias aumentarão, e os filhos serão crianças felizes, sorridentes. Deus criou homem e mulher, cada um com seus próprios talentos, poderes, responsabilidades e capacidade de cumprir seus encargos especiais.

Quando os homens voltarem para junto de suas famílias e as mu-

lheres se dedicarem aos filhos, reviverá o conceito de que ser mãe é a maior profissão da vida. Ela é uma colaboradora de Deus. Não existe outro ser em posição de tamanho poder e influência. Ela tem em suas mãos o destino de nações, pois é a ela que cabe o encargo e oportunidade de moldar seus cidadãos.

Numa das estacas da Califórnia, ouvi u'a mãe dizer: "Sou grata por ser mulher, sou grata por ser esposa. Sou grata por ser mãe. Sou grata por ser uma SUD." Foi a meu ver um poderoso sermão. A maternidade é a maior das profissões.

Muito se tem falado na imprensa e do púlpito a respeito de aborto. A Igreja de Jesus Cristo se opõe ao aborto, e recomenda a todos os seus membros que **não** se submetam a essa prática, nem dela participem de qualquer forma, por conveniência ou para ocultar uma transgressão.

O aborto deve ser considerado uma das práticas mais revoltantes e pecaminosas de nossos dias, quando vemos a assustadora evidência da permissividade levando à incontinência sexual. Afirmamos solenemente que qualquer manipulação imprópria da fonte de vida é grave, moral, mental, psicológica e fisicamente. Interferir em qualquer dos processos de procriação é violar um dos mais sagrados mandamentos de Deus — o de "multiplicai-vos e enchei a terra". (Gên. 1:28)

Os membros da Igreja eventualmente culpados de participação no pecado do aborto devem ser submetidos à ação disciplinar dos conselhos da Igreja, conforme as circunstâncias justificarem. Lembramo-vos a reiteração dos Dez Mandamentos feita pelo Senhor em nossos dias, quando disse: "Não furtarás, não cometerás adultério, nem matarás, nem farás coisa alguma semelhante." (D&C 59:6)

Abominamos a pornografia que parece inundar a terra. A legislação se esforça por reprimi-la, porém a melhor maneira de combatê-la é as famílias unidas construírem barreiras contra ela. Perguntamo-vos: "Vós, a boa gente de vossa comunidade, quereis ver esse horrendo vício corrompendo vossos filhos e vizinhos?"

Descendo do Monte Sinai ainda fumegante, sacudido por tremores, Moisés trazia aos filhos errantes de Israel os Dez Mandamentos, as regras fundamentais de conduta na vida. Entretanto, esses mandamentos não eram novidade. Eram conhecidos por Adão e sua posteridade, os quais tinham ordem de segui-los desde o princípio; apenas haviam sido reiterados a Moisés pelo Senhor. Os mandamentos, de fato, precederam a vida terrena — eram parte da prova estabelecida no conselho celeste para os mortais.

O primeiro dos Dez Mandamentos requer que os homens adorem ao Senhor; o quarto determina o dia exato para esta adoração; "Não terás outros deuses diante de mim... Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; [nele] não farás nenhuma obra." (Êxodo 20:3, 8)

Deixar de guardar o dia do Sábado evidencia o fracasso do homem em cumprir a prova individual estabelecida para cada um de nós antes da criação do mundo, "para ver se eles farão todas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar". (Abraão 3:25)

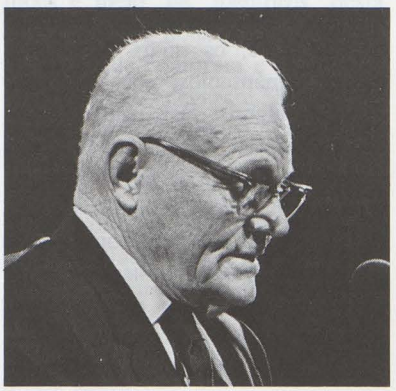
Recomendamos seriamente ao nosso povo que façam todas as suas compras durante a semana. Voltamos a declarar: "Por que me chamais Senhor, Senhor e não fazeis o que eu digo?" (Lucas 6.46)

Quando o Senhor falou: "Lembra-te do dia do sábado para o santificar", cremos que haja querido dizer exatamente isso.

Estarrece-nos o empenho consciente de muitos neste mundo que, presuntivamente, assumem a responsabilidade de mudar os padrões de conduta social estabelecidos pelo Senhor, particularmente no tocante ao casamento, vida sexual, vida familiar. Temos que dizer: "A sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus prudentes se esconderá." (Isaías 29:14)

Irmãos, que Deus vos abençoe no vosso empenho de cumprir todos os vossos compromissos e viver os mandamentos. Abençoamos-vos, para que tenhais êxito em vossos esforços de vos tornardes mais semelhantes ao Senhor. Que Deus abençoe profusamente vossos lares, vossas famílias e vossa vida pessoal. Eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

Pensamentos Pascais



Presidente Marion G. Romney

2.° Conselheiro na Primeira Presidência

Meus queridos irmãos de toda parte. Solicito-vos que roguem por nós ao Senhor, enquanto vos falo por alguns momentos, pois minha mensagem é importante para toda alma vivente sobre a terra.

Durante a presente temporada pascal, muito tem sido dito a respeito da ressurreição. Embora seja impossível apreender o significado pleno da ressurreição, na realidade ela nunca deveria estar longe de nossos pensamentos.

Paulo a identifica implicitamente como tema central do Evangelho de Jesus Cristo, quando escreve aos coríntios:

"Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.

"Mas agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.

"Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem."

"Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (1 Cor. 15:19-22)

Iniciemos nossa consideração desse importante depoimento com a frase: "assim como a morte veio por um homem".

"Assim como... veio por um homem..." O que é o homem? Esta pergunta tem sido repetida em todas as eras.

Jó, em seu tormento, clamou:

"Que é o homem, para que tanto o estimes, e ponhas sobre ele o teu coração?

"E cada manhã o visites, e cada momento o proves?" (Jó 7:17-18)

E novamente: "Que é o homem, para que seja puro? e o que nasce da mulher, para que fique justo?" (Jó 15:14)

E o salmista ecoa: "Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem para que o visites?

"Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste." (Salmos 8:4-5)

Nas Escrituras, a resposta a esta questão transparece firme e clara. O homem é filho espiritual de Deus, revestido de um tabernáculo mortal de carne e ossos. Isto está revelado no registro da sua criação. O livro de Gênesis ensina que houve uma criação espiritual da terra e de tudo o que nela seria colocado, incluindo o homem, cujo espírito Deus criou "à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou." (Gên. 1:27)

"E [não só o homem como] toda a planta do campo que ainda não estava na terra, e toda a erva do campo que ainda não brotava; porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para lavrar a terra.

"Um vapor, porém, subia da terra, e regava toda a face da terra.

"E formou... Deus o homem [isto é, seu corpo físico] do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida [este era seu espírito]; e o homem foi feito alma vivente." (Gên. 2:5-8)

Isto concorda com a Escritura moderna que afirma que "o espírito e o corpo são a alma do homem". (D&C 88:15)

"Assim como a morte veio por um homem." O que é a morte? É a separação do corpo e do espírito.

Adão e Eva, ao serem criados almas viventes, foram dotados da faculdade de viver eternamente. Eram sem pecado, puros e santos, dignos de gozar — e realmente gozaram — a convivência de Deus, seu Pai. Ele de fato os visitou no Jardim do Éden e conversava com eles e os instruía. Eles necessitavam de tais instruções, porque na passagem de espírito para alma vivente, foi-lhes apagada a memória das experiências passadas.

"De toda árvore do jardim comerás livremente." disse o Senhor a Adão.

"Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás." (Gên. 2:16-17)

O tempo não me permite delinear os detalhes; o fato primordial, porém, é que Adão e Eva, contrariando as instruções, provaram do fruto proibido. E assim fazendo, ingeriram um alimento que provocou em seu corpo uma tal mudança, que no devido tempo haveria a separação entre seus corpos e espíritos; quer dizer, suas almas morreriam.

Essa penalidade pela violação do mandamento foi transmitida a toda posteridade de Adão. Assim, "a morte veio por um homem". (1 Cor. 15:21)

Quando sobrevém a morte, como acontece a todos os humanos, o corpo retorna à terra, e o espírito volta ao mundo espiritual.

Separado do corpo pela morte, o espírito encontra-se em estado precário, assim descrito pelo Profeta Jacó: "Se a carne não mais se levantasse, nossos espíritos estariam à mercê daquele anjo que caiu da presença do Eterno Deus, e se tornou o demônio para não mais se levantar.

"E nossos espíritos deveriam tornar-se como ele, e nós nos tornaríamos demônios, anjos de um demônio, para sermos afastados da presença de nosso Deus, permanecendo com o pai das mentiras, em miséria, como ele." (2 Néfi 9:8-9)

A redenção da morte — isto é, ressurreição — é, portanto, imperativa para a felicidade futura do homem.

"Espírito e elemento, inseparavelmente ligados, recebem a plenitude da alegria.

"E quando separados, não pode o homem receber a plenitude da alegria." (D&C 93:33-34)

Pois bem, sendo onisciente, Deus previu tal situação precária. Sabia que todos os homens estariam sujeitos à morte pelo fato de Adão haver provado do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Sabia da mesma forma que seria injusto os homens sofrerem eternamente por causa da morte, pela qual não haviam sido responsáveis. Por isso, providenciou a redenção da alma através da morte e ressurreição de Cristo.

Sobre isto, diz ele numa revelação moderna:

"Agora, na verdade eu vos digo que através da redenção que se fez por vós, é que se realiza a ressurreição dos mortos.

"E o espírito e o corpo são a alma do homem.

"E a ressurreição dos mortos é a redenção da alma.

"E a redenção da alma se realiza através daquele que vivifica todas as coisas", (D&C 88:14-17), isto é, através de Jesus Cristo.

Agora, quem é Jesus Cristo, e como pôde ele produzir a ressurreição, se nenhum outro homem, nem todos os homens juntos seriam capazes de fazê-lo? As Escrituras respondem a essas perguntas: elas deixam claro que o Jesus Cristo espiritual — exatamente como os espíritos de todos os homens, — é o Filho de Deus, nosso Pai Eterno. Neste aspecto, ele é igual a todos os homens. Entretanto, ele por outro lado, difere dos demais homens pelo fato de os corpos destes serem gerados por homens mortais e, por conseguinte, sujeitos à morte, como descendentes e herdeiros de Adão; enquanto o corpo físico de Cristo foi gerado por Deus, nosso Pai Celestial — um ser imortal não sujeito à morte. Cristo, portanto, herdou de seu Pai a faculdade de viver indefinidamente. Ele tinha poder sobre a vida e a morte, conforme testifica sua própria declaração aos fariseus:

"... o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas...

"Eu sou o bom pastor...

"... e dou minha vida pelas ovelhas...

"Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.

"Ninguém ma tira de mim... eu de mim mesma a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la." (João 10:11, 14-15, 17-18)

Visto que o homem — estando sujeito à morte — não poderia levantar seu corpo da sepultura, Jesus veio à terra e voluntariamente entregou sua vida em sacrifício pela queda de Adão, instituindo, assim, o poder da ressurreição.

A primeira prova dessa vitória sobre a tumba foi, logicamente, sua própria ressurreição, sobre cuja realidade existem muitas evidências.. Ele foi visto e ouvido por Maria. (Vide João 20:11-17) Encontrou as mulheres quando iam contar aos discípulos que a sepultura estava vazia, e falou com elas. "E elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram." (Vide Mat. 28:9-10) Ele andou e conversou com os dois discípulos no caminho de Emaús. (Vide Lucas 24:13-16, 28-32) Apareceu aos apóstolos duas vezes, pelo menos; uma quando Tomé estava ausente, e novamente uma semana depois, quando todos juntos. Falou-lhes, mostrou-lhes suas mãos e pés. E a mando seu, deram-lhe "parte de um peixe assado e um favo de mel.

"O que ele tomou, e comeu diante deles. (Vide Lucas 24:36-43 e João 20:26-29)

Alimentou os sete discípulos no Mar de Tiberíades, (João 21:1-22). Noutra ocasião, foi visto por mais de quinhentas pessoas juntas. (1 Cor. 15:6) "... foi visto por Cefas". (1 Cor. 15:5), por Tiago (1 Cor. 15:7), e por Paulo (1 Cor. 15:8).

Num monte da Galiléia, ele comissionou os "onze" a pregarem a "todas as nações". (Vide Mateus 28:16-20)

Finalmente, "levou-os fora, até Betânia; e, levantando as suas mãos, os abençoou." E, enquanto os abençoava, "se apartou deles e foi elevado ao céu." (Lucas 24: 50-51)

Depois do seu ministério após a ressurreição em terras de Jerusalém, ele visitou e ministrou entre os nefitas na América.

Por mais maravilhoso e inspirador que seja o registro da ressurreição de Jesus, a certeza da universalidade do poder da ressurreição, por ele instituído, é de igual significado. Tal é a promessa.

E Mateus relata que "abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados.

"E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos." (Mat. 27:52-53)

O próprio Jesus dissera durante seu ministério mortal:

"... vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a [minha] voz.

"E sairão; os que fizeram o bem para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da morte." (João 5:28-29. Revisão Inspirada)

Durante seu ministério pós-ressurreição na América, ele deu ênfase à verdade vital da universalidade da ressurreição, fazendo os discípulos nefitas inserirem em seus registros a profecia de Samuel, e seu cumprimento por eles omitidos,

sobre a ressurreição de outras pessoas. O pronunciamento omitido ao qual se referia, era que um dos sinais de sua crucificação seria que muitas sepulturas se abririam, "entregando seus mortos, e muitos santos aparecerão às pessoas." (Hel. 14:25)

Então os discípulos nefitas disseram:

"Sim, Senhor, Samuel profetizou de acordo com tuas palavras e todas elas se cumpriram." (3 Néfi 23:10)

João, o Revelador, conclui o relato da sua visão da ressurreição que haverá de ocorrer no início do Milênio — que agora não está muito distante — dizendo:

"... e viveram [os que surgiram na ressurreição que precedeu o Milênio — eles viveram] e reinaram com Cristo durante mil anos.

"Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram." (Apoc. 20:4-5)

Ocasião em que acrescentou:

"E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono [de Deus] ...

"E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia..." (Apoc. 20:12-13)

Amuleque, falando a Zeezrom, dizia:

"... a morte de Cristo afrouxará os laços dessa morte temporal, para que todos se levantem dela.

"O espírito e o corpo serão novamente reunidos em sua perfeita forma; os membros e juntas serão restabelecidos a seus próprios lugares...

"E esta ressurreição virá sobre todos, sejam velhos ou moços, escravos ou livres, homem ou mulher, malvados ou justos..." (Alma 11:42-44)

Assim será cumprida a declaração de Paulo:

"Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.

"Porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.

"Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda." (1 Cor. 15:21-23)

Assim está assegurada a imortalidade da alma humana. Cristo completou a primeira parte da sua "obra... e glória" [que, conforme declarou a Moisés, era] "proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem". (Moisés 1:39)

Enorme é o nosso débito para com nosso Redentor pela nossa ressurreição. Porém, esta não é a meta final. Obter a imortalidade é um requisito essencial, porém não necessariamente o mesmo que obter a vida eterna. **Imortalidade** significa duração de vida — livre da morte. **Vida eterna** significa qualidade de vida — a qualidade de vida gozada por Deus.

Existem três reinos de diferentes graus de glória no mundo vindouro. O teleste — o inferior; o terrestre — que é o médio; e o celeste — a glória gozada pela Deidade. Cada reino de glória é governado por uma lei.

O homem será julgado no mundo espiritual e recompensado de acordo com as suas obras. Na ressurreição, seu corpo será vivificado pela glória do reino, a cujas leis obedeceu durante sua vida mortal, temporal. (Vide D&C 88:17-32)

O Evangelho de Jesus Cristo, conforme foi revelado e ensinado pelos profetas desde Adão até o meridiano dos tempos, conforme foi pregado e demonstrado por Jesus durante seu ministério terreno, e conforme foi restaurado nesta dispensação da plenitude dos tempos, e que hoje é pregado e administrado com a devida autoridade no mundo inteiro pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é a lei celestial segundo se aplica aos homens, almas humanas na mortalidade.

Obediência a esta lei é um requisito essencial para a ressurreição com um corpo celestial. Grande será a glória daqueles que a conseguem, e profunda a tristeza dos que não a obtêm. Falando num funeral, disse o Profeta Joseph Smith que o "desapontamento de esperanças e expectativas na ressurreição seria indescritivelmente aflitivo". **(History of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints,** 6:51)

Muitas dessas leis foram e ainda serão expostas e discutidas nesta conferência. Possamos atentar para elas e obedecer-lhes.

Concluindo, presto meu testemunho pessoal da veracidade das coisas de que falei. Sei, pelo Espírito Santo, que elas são verdadeiras. Jesus vive; ele é o Filho de Deus, e veio à terra como o Unigênito do Pai. Derrotou a morte, ressuscitou o próprio corpo do sepulcro e estabeleceu o poder da ressurreição para todos os homens.

Sei que através do seu sofrimento no Getsêmani e durante sua crucificação, ele nos proporcionou os meios pelos quais, se nos arrependermos e obedecermos às leis do seu Evangelho, poderemos ressurgir não apenas para a imortalidade, mas também para a vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus. Disto presto solene testemunho no sagrado nome de Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém.

